



# REFLEXO BRASILEIRO EM OLHOS MEXICANOS

O Brasil em MONTERREY,  
*Correo Literario de Alfonso Reyes*

Cecilia Laura Alonso

**REFLEXO BRASILEIRO  
EM OLHOS MEXICANOS**

**O Brasil em MONTERREY,  
*Correo Literario de Alfonso Reyes***



**Pedro & João**  
editores



**Cecilia Laura Alonso**

**REFLEXO BRASILEIRO  
EM OLHOS MEXICANOS**

**O Brasil em MONTERREY,  
*Correo Literario de Alfonso Reyes***



**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Cecilia Laura Alonso**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

---

Cecilia Laura Alonso

**Reflexo brasileiro em olhos mexicanos. O Brasil em Monterrey, *correo literario de Alfonso Reyes*.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 126p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-5869-499-1 [Digital]**

1. Brasil. 2. Monterrey. 3. Alfonso Reyes. 4. Culturas. I. Título.

---

CDD – 900

**Capa:** Petricor

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8 - 8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2021

*A mi madre, a mi padre y a mis tíos –Lidia y Alberto– siempre presentes en mi memoria.*

*Al estimado Prof. Dr. Alberto Enríquez Perea por su apoyo.*



Y de todo ello resulta una hermosa y grande nación que nunca perdió la sonrisa ni la generosidad en medio del sufrimiento, ejemplar a un tiempo en el coraje y en la prudencia, orgullo de la raza humana, promesa de felicidad en los días aciagos que vivimos, fantástico espectáculo de humanidad y naturaleza, cuya contemplación obliga a repetir con Aquiles Tacio: “¡Ojos míos, estamos vencidos!”

Alfonso Reyes – *El Brasil en una castaña*.  
24 de noviembre de 1942.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>ALFONSO REYES NO BRASIL</b>	<b>23</b>
Relação com os intelectuais brasileiros	28
Projetos em terras brasileiras	37
<b>MONTERREY, CORREO LITERARIO DE ALFONSO REYES</b>	<b>41</b>
Apresentação de MONTERREY	44
Estrutura de MONTERREY	51
<b>BRASIL EM FOCO</b>	<b>57</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>99</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>121</b>



## INTRODUÇÃO

O trabalho contido nestas páginas é fruto da dissertação homônima que apresentei ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense – UFF, em 2006. Seu objetivo é fazer uma reflexão acerca da presença brasileira em MONTERREY, *correo literario de Alfonso Reyes*, pois, além de ter sido publicado no Rio de Janeiro, contém obras de pintores brasileiros, retrata aspectos da literatura e da cultura do país e aproxima intelectuais da América Hispânica e do Brasil.

Este tema surgiu a partir do projeto integrado no grupo de pesquisa da Profa. Dra. Livia Maria de Freitas Reis (UFF), intitulado *O diálogo intelectual Brasil – América Hispânica no século XX*, no qual se estabeleceu o contato com a obra de Alfonso Reyes. Para realizar este estudo fez-se necessária a leitura de um livro em particular – *Alfonso Reyes e o Brasil: um mexicano entre os cariocas* – de Fred P. Ellison, professor de língua portuguesa, de literatura brasileira, hispano-americana e espanhola nos Estados Unidos. Tal obra publicada pela Top Books e o Consulado Geral do México, em 2002, possui em sua orelha um texto entusiasmado de Affonso Romano de Sant’Anna, veiculado anteriormente em *O Globo* de 26 de maio de 2001. Nesse texto, Affonso Romano destaca a importância de conhecer e rever nomes relacionados à

cultura brasileira e, de acordo com essa constatação, faz uma queixa:

Aqui no Brasil anda prosperando uma coisa que não sei se chamo de ‘necrofilia de minha turma’ ou de ‘arqueologia do amanhã’. Um endeusamento de discutíveis nomes que estão com o cadáver ainda fresco. Acho que já tem gente fazendo a ‘arqueologia do amanhã’. Com isso, esquece-se de praticar uma arqueologia do ontem (o ontem que já se mostrou necessário), de estudar autores e assuntos realmente relevantes. (SANT’ANNA, apud ELLISON, 2002, orelha).

Seria Alfonso Reyes, ilustre pensador e humanista mexicano, um assunto realmente relevante à cultura brasileira? A resposta é um sonoro e enfático “sim”.

Alfonso Reyes nasceu em Monterrey, capital do estado de Nuevo León, México, em 1889. Em 1913, obteve o título de advogado e foi o professor fundador da cátedra de História da Língua e da Literatura Espanhola da Escola Nacional de Altos Estudos, origem da futura Faculdade de Filosofia e Letras.

Nessa mesma época, Reyes conheceu Pedro Henríquez Ureña, Antonio Caso e José Vasconcelos e, junto com outros, formaram o Ateneu da Juventude, um grupo de intelectuais interessados em traçar as linhas do México moderno compartilhando a admiração pela Grécia.

Logo em seguida, foi enviado à França como membro *ad honorem* da Secretaria de Instrução Pública de México. Em 1914, na Espanha, dedicou-se ao jornalismo, aos trabalhos literários e, por cinco anos, aos trabalhos da seção de Filologia do Centro de Estudos Históricos de Madri, acompanhado por Tomás Navarro Tomás e dirigido por Ramón Menéndez Pidal. Aproximou-se dos

autores da Geração de 98, como Juan Ramón Jiménez e José Ortega y Gasset.

Após muitas atividades desenvolvidas, retorna ao México, mas é enviado novamente pelo seu governo à França e à Espanha para desempenhar diversas atividades consulares.

Em 1927, recebeu instruções de viajar para a Argentina como ministro plenipotenciário, entretanto se estabeleceu como embaixador na recém-designada Embaixada de Buenos Aires.

Foi nomeado embaixador extraordinário e plenipotenciário do México no Brasil em 16 de março de 1930, cargo deixado por Ortiz Rubio, que então se preparava para alcançar a presidência do seu país. Após sete anos, foi enviado pela segunda vez à Argentina, nesse mesmo cargo.

Nos sete anos que passou em terras brasileiras, a Embaixada, localizada na Rua das Laranjeiras, foi palco de muitos encontros com os intelectuais brasileiros, construindo laços de amizade com Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Alceu Amoroso Lima, que se converteram em seus melhores interlocutores brasileiros, além do poeta Ronald de Carvalho, do sociólogo Gilberto Freire e do político e jornalista Carlos Lacerda. A sua insistência em fazer parte do meio intelectual da cidade estava diretamente relacionada ao seu interesse pela interação entre México e Brasil, ou seja, hispano-americanos e brasileiros interligados na formação de um pensamento latino-americano.

Duas perguntas surgem então: como um nome tão pouco conhecido nestas terras pode ter sido tão importante? A que se deve essa importância?

A obra de Fred P. Ellison responde em parte a essas perguntas, mas o assunto é extenso e pode ser visto por outros prismas. Como diz Affonso Romano de Sant'Anna:

Este livro, como todo livro importante, pode ser lido em diversos níveis e sugere múltiplas linhas de aprofundamento de pesquisa. Isto aqui é apenas uma crônica instigadora de leituras, e não posso me alongar. Mas por exemplo: poder-se-ia estudar, muito melhor do que tem sido feito até agora, como as personalidades do nosso modernismo pensaram o Brasil em suas relações com a América Latina. Pensaram pouco? Pensaram torto? (SANT'ANNA, apud ELLISON, 2002, orelha).

E por que não fazer o caminho contrário? Por que não se concentrar em como o hispano-americano Alfonso Reyes inseriu o Brasil em seus pensamentos americanistas? Afinal, não foram muitas as vezes em que os trabalhos dos críticos e escritores da América Hispânica e do Brasil se entrecruzaram num âmbito intelectual e teórico, ultrapassando, dessa forma, os universos a que pertenciam.

É possível citar, como exemplo de alguns desses contatos, a aproximação do pensamento do brasileiro Antonio Candido e do uruguaio Ángel Rama com relação, principalmente, aos conceitos de transculturação narrativa e super-regionalismo. Tais pressupostos se referem à permanência do regionalismo em sociedades periféricas que sofrem o impacto da modernidade. Assim, suas reflexões similares construíram uma ligação teórico-acadêmica entre os aspectos culturais e literários brasileiros e hispano-americanos.

Para Candido, a literatura é um sistema de obras ligadas por denominadores comuns que fazem dela um aspecto orgânico da civilização, variando a atuação dos fatores sociais conforme a arte considerada e a orientação geral seguida por elas.

Já com relação a Rama, que se referia a Reyes como o mestre, pode-se dizer que a palavra somente expressa a plenitude de sua riqueza quando inserida no contexto da sua realidade. Impondo, ao ir além da teoria por si mesma, uma visão sociológica comprometida com os fenômenos históricos e culturais.

Na busca dessas relações, Ángel Rama conheceu o Brasil, estabelecendo um entrecruzamento teórico-literário mais profundo desse país com a América Hispânica, iniciando, assim, a eliminação da linha divisória, então muito forte, solidificando o diálogo entre hispano-americanos e brasileiros.

O trabalho da professora e pesquisadora chilena Ana Pizarro é mais uma ponte estabelecida em prol do pensamento latino-americano, no qual tanto as semelhanças quanto as diferenças inerentes às diversas culturas são enriquecedoras. Seu interesse em pensar o complexo América Latina, sem deixar de acrescentar de fato a presença do Brasil e dos países que constituem o Caribe, permeia muitas das suas obras.

Aproximadamente no fim dos anos setenta, princípio dos oitenta, deu início a um projeto: elaborar a História da Literatura Latino-americana, uma proposta de resistência frente ao momento de crise vivido pelo Continente.

A partir das reuniões dos estudiosos envolvidos no trabalho – entre eles Antonio Candido e Ángel Rama –,

discutiram-se os tópicos condutores do projeto, obtendo-se material suficiente para organizar dois livros, *Hacia una historia de la literatura latinoamericana* e *La literatura latinoamericana como proceso*.

Finalmente, em 1993, publicou-se o primeiro dos três volumes que compõem a obra *América Latina: palavra, literatura e cultura*, referência indispensável nos estudos literários hispano-americanos e brasileiros.

Segundo Ana Pizarro, esse pensar demonstrou que, para se definir a América Latina, deve-se ir muito além de aspectos linguísticos, geográficos ou políticos: para se chegar à delimitação de áreas culturais, torna-se necessário estabelecer um estudo comparativo, capaz de considerar tanto as semelhanças como as diferenças dos países, povos, culturas ou segmentos estruturadores do Continente.

Entretanto, essa intercomunicação entre os países latino-americanos já havia sido pensada anteriormente por Alfonso Reyes e por Pedro Henríquez Ureña. Segundo Octávio Paz, foi aquele o responsável por ensinar aos mexicanos a importância de expressar a sua idiosincrasia, sem se sentir, junto com os demais latino-americanos, devedor das marcas deixadas pelos europeus. A multiplicidade cultural que o forma não deve tolher a construção de sua identidade.

Reyes dedicou especial atenção a uma possível integração dos países latino-americanos, apesar de todos os aspectos díspares que podem causar um afastamento entre as partes que compõem o todo, remetendo a uma visão utópica de pan-americanismo, importando aqui ressaltar o termo América Latina e não, América Hispânica, incluindo, assim, o Brasil nos seus inúmeros textos.

É em decorrência disso, como também do seu trabalho diplomático, que procurou estabelecer uma conexão entre o Brasil e o México num âmbito cultural e literário.

Para ele, entretanto, conseguir estabelecer um vínculo com os intelectuais brasileiros não foi tão fácil. Assim que chegou ao país para assumir o seu novo cargo, sentiu-se muito deslocado e solitário num lugar que pensava ser somente propício ao turismo. Mas a saudade das amizades formadas no período imediatamente anterior, em que fora embaixador do México na capital argentina, foi gradativamente sendo substituída pela constatação de que realmente havia um segmento intelectual no Brasil e que a vida inteligente juntamente com o prazer contemplativo podiam alimentar um processo criador.

Foi então no Rio de Janeiro, pois, que encontrou a paz necessária para lançar a pena ao papel na propulsão frenética que tanto lhe agradava. A vastidão dos seus temas é quase infinita e, no caso do Brasil, este foi descrito por meio de sua natureza, do seu povo, dos seus costumes, da sua gastronomia, além de ter sido inspiração para contos, poemas e ensaios.

Alfonso Reyes, em sua permanência nas terras brasileiras, gerou vários frutos, como a Biblioteca Infantil Ibero-americana, criada conjuntamente com Cecília Meireles, o estabelecimento da filial carioca do Pen Club, organização mundial de escritores e editores, as mediações entre as artes plásticas brasileiras e mexicanas, e *MONTERREY, correo literario de Alfonso Reyes*, objeto deste trabalho.

Esse correio tinha como meta ser um ponto de contato entre Alfonso Reyes e seus amigos intelectuais, afastados,

então, pelo tempo e pela distância. O intercâmbio cultural foi constante, difundindo-se muitos aspectos da literatura e da cultura mexicanas, como também questões referentes à América Latina, a temas e autores relacionados à literatura ocidental e à proximidade/distância entre a língua espanhola e portuguesa. As menções, diretas ou indiretas, feitas ao Brasil, fortaleceram a ponte cultural que Reyes tanto se esforçava em construir entre o país e a América Hispânica.

Sem dúvida, para se fazer um estudo detalhado desse correio literário, é necessário ter em mãos os quatorze números que fizeram parte da publicação, mas, ao longo do ano de 2005, após pesquisar na Biblioteca Nacional, na Casa de Ruy Barbosa, na Fundação Getúlio Vargas, no Projeto Portinari, no Consulado do México do Rio de Janeiro, na Embaixada do México em Brasília e na Embaixada do México em Buenos Aires, pude constatar que, no Brasil, somente havia os números 1 e 4 de MONTERREY, na Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, em São Paulo.

A procura seguiu por meio dos ainda modestos recursos tecnológicos oferecidos pela Internet da época, e, ao encontrar o *site* da Capilla Alfonsina Virtual, perguntei, através da seção de contatos, o paradeiro dos quatorze exemplares de MONTERREY, mas não houve resposta. Surpreendentemente, no livro de visitas do mesmo *site*, constava a mensagem de um funcionário do Consulado do México em São Paulo, pedindo informações sobre a publicação, pois se planejava comemorar em 2005 o trigésimo quinto aniversário do lançamento do primeiro número. Ao escrever ao Consulado, fui informada de que as comemorações não se deram por motivos de força maior. Como não

possuíam outros dados sobre o correio literário, ofereceram o endereço eletrônico da Diretora da Cátedra de Alfonso Reyes, no México. Esta, por sua vez, também não soube esclarecer nenhuma dúvida com relação ao material, mas disponibilizou o endereço eletrônico do Prof. Dr. Alberto Enríquez Perea, autor da tese *Alfonso Reyes y el nacimiento del Estado Nuevo brasileño (1930-1936)*, que, estando no México, prontificou-se a enviar-me a edição fac-similar. Depois de uma gratificante troca de *e-mails*, tal edição chegou às minhas mãos, graças à generosidade do Prof. Alberto.

Ao ler MONTERREY, foi possível perceber que a obra respondia à necessidade de Alfonso Reyes em manter a conversa literária, deleite frequente nas tertúlias e cafés literários do século XIX, que, com o tempo, foram perdendo cada vez mais seu espaço até chegar praticamente à desapareição. O correio literário tornou-se então museu, carta impressa, ferramenta literária, noticiário e compêndio de curiosidades intelectuais, permitindo que o leitor visitasse ambientes aos quais até então não tinha sido convidado.

Esse tom diverso e cosmopolita não agradou a todos. Pedro Henríquez Ureña o criticou por ter-se dedicado a MONTERREY em vez de se ocupar com alguma atividade literária mais convencional. Já o jornalista da capital mexicana, Héctor Pérez Martínez, envolvido na polêmica entre nacionalistas e universalistas do México, censurou-o por se dedicar ao correio literário em vez de escrever mais sobre a literatura mexicana contemporânea. Alfonso Reyes fez a sua réplica por meio do ensaio publicado em 1932, no Rio de Janeiro, intitulado *A vuelta de correo*, no qual diz que "*la única manera de ser*

*provechosamente nacional consiste en ser generosamente universal, pues nunca la parte se entendió sin el todo”* (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. VIII, p. 439).

Como podemos observar, MONTERREY propiciou certa polêmica no momento do seu lançamento, a qual rapidamente foi substituída pela participação cada vez mais ativa de seus leitores, vindo a se tornar, nos dias de hoje, um motivo de orgulho entre os bibliófilos que possuem seus exemplares.

Diante da relevância do correio literário de Alfonso Reyes, pretendo, pelo estudo de suas referências relativas ao Brasil, destacar o diálogo estabelecido entre os intelectuais brasileiros e hispano-americanos, além de demonstrar como a literatura, a cultura, a natureza e o povo desse país foram exaltados em suas páginas.

Para isso, este trabalho estrutura-se a partir da pesquisa de fontes primárias: os catorze números de MONTERREY, *correo literario de Alfonso Reyes*, e de vários artigos contidos em suas *Obras Completas*.

O estudo está organizado em três partes. A primeira salienta a estada do embaixador no Rio de Janeiro, em cujo agitado meio cultural tentou-se inserir, vindo a se relacionar com escritores, pintores e políticos ilustres. Desses vínculos, como veremos, foram concretizados alguns projetos relacionados ao ambiente literário brasileiro. A segunda é composta pela apresentação do correio literário, ressaltando como este surgiu, as reações que despertou, além de detalhar a sua estrutura interna. Na terceira, o enfoque concentra-se no destaque dado ao Brasil nas páginas de MONTERREY, abordando, assim, aspectos literários e culturais presentes nos artigos e ilustrações.

Acredito que o resultado deste trabalho possa demonstrar que o Brasil estava inserido no pensamento latino-americanista de Alfonso Reyes e possa também contribuir, modestamente, com os estudos que entrecruzam os caminhos brasileiros e hispano-americanos.



## ALFONSO REYES NO BRASIL

A leitura dos textos sobre o Brasil, escritos por José Vasconcelos, na década de 20, aguçaram a curiosidade de Alfonso Reyes com relação ao Brasil, à América do Sul. Uma de suas obras mais famosas – *La raza cósmica: misión de la raza ibero-americana, Argentina y Brasil* (1925) – versa sobre a integração racial na América Latina. O ensaio central *El mestizaje* apoia a teoria da evolução de uma raça superior ou cósmica, depositária do espírito do mundo. Essa, para Vasconcelos, era uma nova raça que iria reconciliar e amalgamar as quatro existentes (indígena, negra, branca e asiática), além de uma quinta, a surgir nos trópicos (zona que compreende todo o Brasil, Colômbia, Venezuela, Equador, parte da Bolívia e o norte da Argentina). Tal pensamento surgiu após uma viagem à América do Sul, na qual visitou especificamente o Brasil, o Uruguai, a Argentina e o Chile.

Nesse livro, José Vasconcelos demonstra uma ideologia contrária ao imperialismo norte-americano, o qual seria, segundo ele, um inimigo do desenvolvimento do continente latino-americano. Mas Reyes não compartilhava completamente dos pontos de vista presentes no texto, preferindo ignorar a abordagem racial contida na obra. Almejava, sim, ampliar o papel intelectual da América Latina frente ao mundo, formar um espírito conciliatório que permitisse e estimulasse a

intercomunicação entre as raças e/ou grupos de alguma maneira opostos, como podemos ver em seu texto intitulado *Discurso por Virgilio*:

Tomar partido es lo peor que podemos hacer. Es mucho más legítima la esperanza en la “raza cósmica” de Vasconcelos; la fe en la “cultura humana” de Waldo Frank. Adoptémoslo todo y tratemos de conciliarlo. Aquello en que no haya conciliación será equivocado, y de ello podremos prescindir a la izquierda y a la derecha [...]. En el crisol de la historia se prepara para América una herencia incalculable. Pero será a condición de vivir alerta, de aprovechar y guardar todas las conquistas [...] y de no tomar partido prematuramente. Vale la pena de ser cauteloso. Está en juego un alto interés humano y no una mezquina ambición. Lo que ha de salir no será oriental ni occidental, sino amplia y totalmente humano. De nosotros, de nuestros sucesores más bien, dependerá el que ello, por comodidad de expresión, pueda llamarse, en la historia, *americano*. (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. XI, p. 172-173).

México e Brasil, por exemplo, até então não tinham demonstrado sinais consistentes de contato; entretanto, a partir dessa época, começaram a estabelecer-se relações não só diplomáticas e comerciais, como também culturais.

Em 1927, ao ser encaminhado a Buenos Aires para assumir o posto de embaixador, Alfonso Reyes fez uma escala no Rio de Janeiro para visitar o embaixador mexicano no Brasil, Ortiz Rubio. O navio aproximou-se da costa em um dia encoberto e chuvoso. Jornais e revistas como *O Globo*, *O Paiz*, *O Cruzeiro* e *As novidades literárias* tornavam pública a sua chegada. Três dias depois, ao voltar ao navio, escreveu *Carta-romance*, texto sobre suas impressões a um amigo compatriota, o poeta Carlos Pellicer, no qual deixava explícito seu entusiasmo pela natureza local (anexo 1).

Ortiz Rubio, ao ser eleito presidente da república em 1930, nomeou Alfonso Reyes embaixador no Brasil. Num primeiro momento, a mudança o preocupou por considerar o país distanciado dos polos diplomáticos e literários. Mas, por outro lado, poderia ser o lugar apropriado para ter um pouco de descanso com relação às suas atividades ligadas à embaixada, podendo, assim, dedicar mais tempo ao seu trabalho literário.

Ao chegar ao Brasil, em 6 de abril de 1930 (anexo 2), encontrou-se com sua nova moradia – a casa da embaixada do México, na Rua das Laranjeiras, 397 – em estado lastimável, o que muito afetou seu estado de ânimo:

Encuentro la casa de la embajada deplorable, inservible, ya va a ser difícil explicarlo, ¡porque esto fue lo que escogió el presidente Ortiz Rubio cuando era embajador aquí! El encargado de negocios Herrera de Huerta y su familia hacen lo posible durante todo el tiempo para comunicarme un negro pesimismo sobre cuanto hay en esta tierra. Resultado: *on m'a flanqué une neurasthénie atroce*.<sup>1</sup> No sé qué hacer, estoy desconcertado y triste. Con deseo hasta de abandonar la carrera. Echo de menos mis cosas de Buenos Aires. Mi vida. He empezado a desempacar, y las fotos de Buenos Aires y mis amigos de allá, conforme van apareciendo, me confortan. Inmensa tristeza. (REYES, 2001, p. 192).

Ao entrar, porém, novamente em contato com seus livros e escritos, parece ganhar forças para retomar seus projetos e pôr as mãos à obra. O prazer de escrever dissipa qualquer tristeza e suas habilidades de esgrimista amador vêm à tona:

Mis papeles en su sitio. Mis libros en guardia. Mi pluma alerta. Adelante otra vez... He olvidado mi soledad trabajando. Hoy envié

---

<sup>1</sup> *Me han provocado una neurastenia atroz.*

mi “Paula Jaramillo” (de la *Crónica de Monterrey*) a los chicos del Colegio Civil de Monterrey, para su revista *Atalaya*. Encantado. Hacía mucho tiempo que no llenaba yo mi pluma todos los días [...]. Escribí y puse en sobre a Genaro, para *Contemporáneos* de México, la “Mitología de las cobras” (ocio y placeres del periódico). Le he enviado *La saeta* con dibujos de Moreno Villa (que me fracasó en Buenos Aires, en Viau y Zona) a Armando Godoy, para que me haga una bella edición en París. (ibid., p. 193).

Em alguns meses, sua nova residência – o palacete do século XIX que tinha sido propriedade da família Gaspar da Rocha, localizado na rua de tantas outras embaixadas – passou a ser um lugar extremamente agradável, onde podia receber amigos de Buenos Aires e de Paris, diretores de jornais, oficiais do governo, diplomatas, artistas e escritores. A casa com vista para os morros do Corcovado e de Santa Marta tinha se tornado, então, uma fonte de inspiração para muitos contos, ensaios e poemas, como podemos ver em *Cuatro soledades*: “[...] *Mi Rua das Laranjeiras, / donde aprendían los pájaros / a cantar en español. / ¿Dónde estoy? / ¿Dónde estáis y dónde estoy? / Cielo y mar, sonrisa y flor, / ¿dónde estáis y dónde estoy? [...]*” (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. X, p. 161).

Mas somente a bela paisagem não lhe bastava: leitor ávido de obras europeias, mostrava, com relação à língua portuguesa, muito interesse por Camões e Eça de Queiroz; entretanto, não se sabe o quanto conhecia a respeito da literatura brasileira até então. Alfonso Reyes desejava informar-se sobre os acontecimentos culturais e criar laços com os intelectuais brasileiros, que, com o passar do tempo, vieram a frequentar as animadas tertúlias oferecidas na embaixada da Rua das Laranjeiras.

Entretanto, nem tudo foi tranquilidade e contemplação. A partir do dia 3 de outubro de 1930, conferências, exposições, banquetes e recepções foram dando lugar aos primeiros sinais da revolução que se iniciaria efetivamente vinte e um dias após. A crise econômica mundial e a derrota de Getúlio Vargas, candidato da Aliança Liberal, para o conservador Júlio Prestes foram as causas principais. Vargas não aceitou os resultados, tomou o poder e comandou uma marcha militar contra o governo. Em um mês somente, os integrantes da chamada Rebelião de Outubro ocuparam a capital, Rio de Janeiro.

Muitos refugiados foram pedir ajuda na embaixada. Os pedidos de asilo eram tantos que Alfonso Reyes precisou escrever aos seus superiores no México para solicitar instruções. Sua residência tornou-se abrigo para figuras do governo, tanto da direita como da esquerda, e também para os correligionários e a família do presidente deposto, Washington Luís, cujo governo sempre tratara muito bem o embaixador anterior, Ortiz Rubio.

No final desse período, aproximadamente vinte pessoas foram ajudadas por Reyes, e, graças à sua diplomacia, conseguiu contornar possíveis problemas com a nova polícia.

Contudo, desse período crítico, surgiu algo de bom, como, por exemplo, a amizade com o líder católico que escrevia sob o pseudônimo de Tristão de Athayde – Alceu Amoroso de Lima. E foi assim que este se lembrara de Alfonso Reyes:

Conheci-o após a Revolução de Outubro. Na perplexidade daquele momento inquietante, em que pela primeira vez se

quebrava a continuidade política do regime e uma onda de demagogia se lançava sobre o país delirante ou desacordado, fui procurá-lo para visitar um amigo que encontrara refúgio, na hora amarga da derrota, no ambiente sereno das Laranjeiras. Falei dois minutos com o amigo e duas horas com o embaixador. Sabia-o amigo de Valéry, de Waldo Frank, de Ortega y Gasset, de Falla, revelador de Góngora à Espanha, poeta requintado, tradutor de Chesterton, revelador de raridades bibliográficas, um verdadeiro *humanista* enfim, no mais puro sentido da expressão. (ATHAYDE, apud ELLISON, 2002, p. 61).

Tanto Alceu Amoroso Lima, como também muitos outros brasileiros, puderam recordar este homem da diplomacia e das letras com muita admiração e carinho.

## **Relação com os intelectuais brasileiros**

Por ter vivido na França, na Espanha, na Argentina, além, naturalmente, de seu país de origem, Alfonso Reyes deixou muitas amizades distribuídas pelo mundo. Esses laços continuaram vivos por meio de uma intensa correspondência, na qual podia intercambiar informações, pensamentos e desabafos. Em 6 de agosto de 1930, o mexicano contou a Valéry Larbaud as suas impressões do meio literário que encontrara no Brasil naquela época:

Creo que Ud. ha visto bien lo que acontece en el Brasil: los ensayistas e historiadores son interesantes, los poetas muchísimo menos. A la extrema derecha de la juventud, encuentro el grupo de Tristão de Ataíde, muy maurrasiano y muy "A.F." [Action Française]. A la extrema izquierda los "antropófagos" de São Paulo, presididos, o mejor, agitados por Oswaldo [sic] de Andrade, con quien almorcé el otro día en compañía de su muchachita Pagú, en una cabaña de pescador de Niteroi, donde

mucho le recordamos a Ud. Aquí lo tienen por hombre peligroso, creo que porque se divorció de Tarsila y le robó la mujer a otro recién casado. Yo lo encuentro encantador y brillante, aunque dudo que realice la obra que tan bien sabe soñar... Ronald de Carvalho, poeta y ensayista muy cerca del Ministro de Relaciones Exteriores, muy amigo de México adonde pasó unos meses, cumple con el mayor decoro la función de amalgama social entre los literatos propios y extranjeros. (REYES, apud ELLISON, 2002, p. 45-6).

Ronald de Carvalho, tão elogiado nessa carta, despertou em Alfonso Reyes um grande interesse, pois sabia ser esse homem uma figura de peso tanto na vida cultural como na diplomacia. Poeta, dedicou-se ao ensaísmo, à crítica, aos estudos de história da literatura e dos problemas brasileiros, estéticos e políticos. No Itamaraty ocupou os mais altos cargos, inclusive o de Secretário da Presidência da República. Foi Ronald de Carvalho, entre outros, que recebeu José Vasconcelos para o Centenário da Independência do Brasil, em 1922. Posteriormente, foi convidado pelo governo mexicano para ministrar palestras e conhecer o país. A partir dessa viagem, o México passou a fazer parte de algumas de suas obras, como *Toda a América* (1926) e *Imagens do México* (1929). Na primeira reclama a solidariedade continental, antecipando um dos assuntos que mais preocupava Alfonso Reyes durante a década de 30.

Por ser um poeta-diplomata, Reyes acreditava ser ele a pessoa apropriada para inseri-lo na vida da capital. Entretanto, Ronald de Carvalho não se mostrava disposto a ajudá-lo. Em 19 de maio de 1930, escreveu-lhe, então, uma carta, em cujo fragmento transparecia a decepção de estar sendo ignorado: “[...] *Todos me aseguran que Ud. es mi amigo,*

*y sin embargo Ud. no quiere verme, y me deja solo, orientarme por entre los colegas diplomáticos, como si yo fuera, de veras, un Embajador [...]*" (REYES, apud ELLISON, 2002, p. 47).

Alfonso Reyes faz mais uma tentativa enviando-lhe outra carta três semanas depois, perguntando-lhe quais são as boas livrarias do Rio e pedindo-lhe indicação de revistas literárias dos grupos do momento e de uma boa e breve História da Literatura Brasileira, e além do endereço de uma gráfica de qualidade, onde pudesse fazer algumas publicações (não só de seus livros, mas também de MONTERREY). Para tentar contornar com delicadeza e perspicácia o fato de Ronald de Carvalho não ter-lhe respondido a primeira carta, conta-lhe no final da segunda uma anedota bem-humorada:

Estoy lleno de buenos deseos para entender y conocer todo esto. Entre los tarahumaras, indios de Chihuahua de que tal vez tenga Ud. noticias, el visitante o huésped se sienta en la calle, de espaldas a la puerta del amigo a quien va a visitar, sin duda para disimular su impaciencia. El amigo visitado, no se apresura. Se hace desentendido (coquetería de buen tono entre ellos). Al fin, abre su puerta y dirige [sic] unas cuantas palabras vagas a su visitante, hablándole del tiempo que hace, como si no se diera cuenta de que lo vienen a visitar a él. Al fin, después de un momento, le dice: ¿Por qué no pasa Ud. a casa para que sigamos hablando? Así se hacen las visitas entre los indios tarahumaras. Le saluda con una simpatía muy cierta, A. R. (REYES, apud ELLISON, 2002, p. 48).

Ronald de Carvalho não resistiu mais à simpatia do insistente, porém educado, correspondente. Tornaram-se grandes amigos e realizaram alguns projetos juntos, como veremos mais adiante.

Nesse ínterim, Alfonso Reyes começou a conhecer a vida intelectual brasileira. Participou da homenagem prestada a Graça Aranha, na qual foi lançado pela Associação dos Artistas Brasileiros o seu livro intitulado *Viagem maravilhosa*. Reyes ficou encantado por reconhecer nos discursos verdadeiras manifestações de nacionalismo literário, saltando-lhe aos ouvidos algumas palavras da fala do homenageado:

En efecto, Aranha dijo que Brasil estaba predestinado a ser una nación gloriosamente artista y que impondría al mundo su arte. Daría su luz, sus colores, sus formas raciales, el ritmo de su poesía y de su música al arte universal. La universalización que proclamaba no era una copia de lo realizado por otros pueblos sino que era la expansión de la “força intrínseca do gênio brasileiro, de dentro para fora, como está acontecendo com a arte russa e a arte mexicana.” (ENRÍQUEZ PEREA, 2004, p. 36-37).

Por mais que Alfonso Reyes estivesse afastado do México, tinha ciência do que se passava por lá. Seus amigos e fundadores da moderna poesia mexicana, Carlos Pellicer, Xavier Villaurrutia, Salvador Novo, Gilberto Owen e outros encontravam-se nos quarenta e três números da revista *Contemporâneos* (1928-1931), a mais importante da década de 20 em termos culturais. Suas páginas também davam muito destaque às artes plásticas, principalmente no que se referia ao movimento muralista, com Diego Rivera, José Clemente Orozco, David Siqueiros, Rufino Tamayo e Roberto Montenegro. Era a eles que o homenageado da noite se referia.

A relação entre os dois aprofundou-se a partir do momento em que Graça Aranha recebeu em sua casa o primeiro número de MONTERREY. Logo depois, Alfonso

Reyes recebeu um convite para visitá-lo. Infelizmente o contato entre eles não durou muito tempo, pois o brasileiro veio a falecer em 26 de janeiro de 1931. Reyes deixou transparecer seus sentimentos diante da morte do amigo no texto publicado no 5º número de MONTERREY, p. 145 – *Sobre la tumba de Graça Aranha*.

Frequentador dos *vernissages* das galerias, amante das artes, Alfonso Reyes era uma espécie de mediador entre os pintores brasileiros e mexicanos. Quando vivera em Paris, teve um contato rápido com Di Cavalcanti e, já estando no Brasil, tornaram-se grandes amigos. Mantinham uma correspondência intensa, sendo que onze cartas de Di Cavalcanti (de 1930 a 1932) se encontram hoje na Capilla Alfonsina, algumas delas, inclusive, com desenhos originais do pintor. Os assuntos giravam em torno de confidências e desabafos, além de um pedido insistente de expor no México e visitar os institutos de arte custeados pelo governo mexicano. Na resposta, apesar de Alfonso Reyes dizer-lhe que teria de esperar, a viagem nunca se deu. Reyes, por sua vez, pedia-lhe indicação de outras pessoas a quem pudesse enviar MONTERREY.

Quando escreveu *Reminiscências líricas de um perfeito carioca*, publicada alguns anos após a Semana de Arte Moderna, Di Cavalcanti refletiu sobre as influências sofridas, as mudanças em seu estilo e lembrou de Alfonso Reyes com carinho e admiração:

Quando voltei de minha primeira viagem à Europa, senti plenamente a força lírica do Rio de Janeiro e verifiquei que desta magia iria viver a vida inteira. Os mexicanos Diego Rivera, Orozco e Siqueiros começavam a influenciar a minha pintura, não propriamente no lado técnico mas na substância social. O

México criava com seus novos mestres uma teoria de participação do artista na vida política do povo. As conquistas revolucionárias através de lutas sangrentas fizeram da nação de Juarez um símbolo na América Latina. Pertenci a um grupo de intelectuais aqui do Rio que procurava pressuroso na embaixada mexicana ensinamentos. Lá encontrávamos o insigne e ardoroso Luiz Quintanilla e a figura extraordinária de humanista de Dom Alfonso Reyes. Essa influência da pintura mexicana chegou no momento justo arrancando-me definitivamente de um esteticismo inócuo que ainda ponderava na minha personalidade de artista. (DI CAVALCANTI, apud ELLISON, 2002, p. 65-66).

Outro pintor muito próximo a Alfonso Reyes foi Cândido Portinari. Quando este retornou ao Rio, após dois anos de estudo em Paris, ganhou destaque graças às suas obras, que, segundo os críticos, revelavam seu interesse pelo muralismo mexicano. Em 1935, o quadro chamado *Café* obteve menção honrosa na Exposição Internacional de Arte Moderna do Instituto Carnegie, em Pittsburgh. Sua fama, então, tornou-se mundial.

Nos arquivos do Projeto Portinari, no Rio de Janeiro, encontram-se algumas referências e documentos relacionados a Alfonso Reyes, como um postal destinado a Portinari, em que o cumprimenta pelo sucesso e se autoparabeniza por ter reconhecido um grande pintor antes mesmo que o mundo o descobrisse (anexo 3), e fotos das homenagens recebidas pelo artista, nas quais está presente o amigo embaixador (anexo 4).

A admiração de Alfonso Reyes por Portinari transparece no fato de ter adquirido sete obras deste, enquanto não possuiu nenhuma obra de Di Cavalcanti ou de outro artista brasileiro, como Cícero Dias, por quem nutriu grande afeição. Com este pernambucano, o convívio não girava em torno da pintura, eram

simplesmente companheiros do cotidiano. Inclusive, quando o escritor francês Paul Morand veio ao Rio, Cícero Dias e Alfonso Reyes junto com o poeta católico Murilo Mendes e um guia levaram o turista a uma cerimônia de culto religioso afro-brasileiro em Niterói. Essa aventura foi contada por Reyes em seu texto *Paul Morand en Río*, publicado nas duas primeiras páginas do número 7 de MONTERREY. Tanto a comicidade do artigo quanto outros aspectos do mesmo serão vistos mais adiante.

Provavelmente foi Cícero Dias que falou de Gilberto Freyre ao embaixador. Reyes conheceu o escritor no momento em que este escrevia *Casa grande & senzala*, em 1932, e se corresponderam desse momento até 1944. Foi nesse último ano que Alfonso Reyes contou a Freyre o seu desejo de ver as conferências do amigo traduzidas ao espanhol e publicadas pelo Fondo de Cultura Económica, o que realmente aconteceu em 1945, sob o título *Interpretación del Brasil*. Em 1975, o sociólogo publicou pela José Olympio o livro *O brasileiro entre os outros hispanos: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas interrelações*, no qual destaca a importância de Alfonso Reyes por sua tentativa pioneira a favor de um melhor entendimento entre os americanos descendentes de portugueses e espanhóis.

Cecília Meireles, no começo da década de 30, enxergou no diplomata-escritor um exemplo de líder-filósofo da educação continental, um mentor das novas gerações que desejavam reformas educacionais baseadas nos valores de cultura mais universais. Sua admiração por Alfonso Reyes ficava explícita nos artigos escritos para a *Página de Educação* do *Diário de Notícias*, em que elogiava seus discursos, ideias e atividades culturais realizadas no

Brasil. Foi ela um dos correspondentes brasileiros mais ativos. A Capilla Alfonsina possui dezesseis cartas da escritora, cuja preocupação pela educação no Brasil se vê refletida em muitas delas, como a do dia 5 de maio de 1932:

Creio que o México pode ser um foco de projeção de muitas ansiedades modernas, sobre a América Latina: e com um prestígio que a Europa e os Estados Unidos talvez não consigam ter, neste momento. [...]

O problema do Brasil é um problema de educação, mas essas palavras têm um significado muito amplo, e dentro dele se abrigam todas as nossas necessidades de cultura... Alfonso Reyes sabe disso tudo, e já o tem dito, embora sem ser em relação ao Brasil. Mas os moços brasileiros, que neste momento procuram o convívio das suas idéias, procuram-no levados pela própria sede de encontrarem uma resposta às suas íntimas perguntas. E, sem o saberem, estão sentindo, nas suas generalizações, um rumo que lhes mostra perspectivas claras, oportunas e certas. Não conheço maneira mais invejável de fazer obra de educação. Alfonso Reyes bem sabe como este momento do mundo é um momento especial para a América. Principalmente para a sua juventude. Não lhe negará, portanto, a sua colaboração, cuja eficiência é indiscutível. (MEIRELES, apud ELLISON, 2002, p. 113-114).

Num período de greves e protestos estudantis, a escritora solicitava as palavras de Alfonso Reyes, para, com sua experiência, poder indicar a melhor postura a ser tomada dentro do trabalho de renovação educacional que ela e outros técnicos tentavam implantar: entre vários projetos voltados para a educação, Reyes também a ajudou a criar a Biblioteca Infantil Ibero-americana, localizada em Botafogo, que, infelizmente, existiu por quatro anos somente.

Sem dúvida, muitos foram os laços fraternos estabelecidos no período em que estive no Brasil, mas

Ribeiro Couto e Manuel Bandeira tornaram-se seus amigos íntimos até o momento de sua morte e os únicos brasileiros, juntamente com Alceu Amoroso Lima, indicados por ele a participar do *Libro jubilar de Alfonso Reyes*, de 1956.

Ribeiro Couto, seu maior correspondente brasileiro, mostrava ter por Reyes um grande carinho, pelo qual o mexicano lhe foi grato numa carta de outubro de 1940, já de volta ao México: “*De todos los amigos de mi inolvidable Brasil, es usted el único que ha tenido la gentileza de recordarme espontáneamente. Con varios me ha sucedido que ni siquiera me acusan recibo de mis publicaciones.*” (REYES, apud *ibid.*, p. 239).

Foi Couto que introduziu a expressão “O homem cordial”, publicada em um artigo de MONTERREY, destinando-a ao ilustre mexicano. Para ele, imaginar o homem ibérico despojado de misturas raciais e culturais era um equívoco: em sua opinião, este seria fruto do contato de uma tradição ibérica com uma terra nova e raças primitivas. Posteriormente, Sérgio Buarque de Holanda retomou o termo “homem cordial” na sua obra *Raízes do Brasil*, dando-lhe outro sentido.

Outro grande amigo do embaixador foi Manuel Bandeira. Segundo Fred Ellison (2002, p. 107), este era o escritor brasileiro que tinha maiores afinidades espirituais com Reyes, compartilhando, por exemplo, a admiração por Rubén Darío e as idas a teatros, exposições e recepções.

Assim, quando Bandeira completou cinquenta anos de idade ofereceram-lhe um banquete. Os testemunhos dos amigos foram publicados na obra *Homenagem a Manuel Bandeira* (1936). Alguns deles eram Murilo Mendes, Álvaro Moreyra, Augusto Frederico Schmidt, Afonso Arinos de Melo Franco, Ribeiro Couto, Prudente

de Moraes Neto, Alceu Amoroso Lima, Gilberto Freyre, Cândido Portinari, Jorge de Lima, Mário de Andrade e Alfonso Reyes, o único não-brasileiro do grupo, fato que mostra o entrosamento que chegou a ter dentro do panorama literário e cultural do país.

Em 21 de junho de 1936, foi oferecido a Alfonso Reyes um almoço para setenta pessoas no Jockey Club por motivo de sua partida para Buenos Aires. Entre os participantes estavam ministros de gabinete, altos funcionários do governo, representantes da alta sociedade, artistas e intelectuais. Esse encontro, promovido pelo ministro de Relações Exteriores, ficou imortalizado no poema de Manuel Bandeira – *Rondó dos Cavalinhos* (anexo 5).

O contato entre os dois continuou por carta. Inclusive, Reyes procurava livros de literatura hispano-americana para as aulas que Bandeira dava na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro.

Em sete anos de permanência no Brasil, Alfonso Reyes pôde modificar a imagem que tinha do país, apaixonar-se por sua natureza, fazer amigos, concretizar projetos e escrever.

## **Projetos em terras brasileiras**

Alfonso Reyes envolveu-se em alguns projetos enquanto exercia o cargo de embaixador do México no Brasil, sendo possível perceber que seu lado escritor levou vantagem sobre o diplomata.

Como já foi mencionado anteriormente, Reyes colaborou com Cecília Meireles na elaboração da

Biblioteca Infantil Ibero-americana, em 1934. Tal biblioteca, estabelecida no Pavilhão Mourisco, em Botafogo, era a primeira do gênero no Brasil. O prédio, decorado por Correia Dias, possuía livros, jogos, coleções e discos. Em datas comemorativas, imprimiam folhetos com poemas, textos, fotos e desenhos, para serem distribuídos entre as crianças.

Em 1937, a Biblioteca foi fechada por ordem de Getúlio Vargas, sob a acusação de conter livros perniciosos à formação das crianças. Na verdade, se referiam à obra *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain.

Outro projeto que teve a intervenção de Reyes não aconteceu em terras brasileiras, mas está diretamente relacionado ao Brasil. Assim que o embaixador regressou ao México, em 1939, colaborou com o Fondo de Cultura Económica (FCE) na escolha de obras para futuras publicações.

A editora foi fundada por Daniel Cosío Villegas, Jesús Silva Herzog e outros, em 1934, com o propósito inicial de difundir textos fundamentais em matéria econômica. Mas, em pouco tempo, tomaram consciência de que deveria abarcar todos os âmbitos de conhecimento, nacional e internacional.

O Fondo de Cultura Económica é subvencionado pelo governo mexicano, pois não foi planejado como uma empresa lucrativa, e sim como uma instituição de fomento cultural. Durante os primeiros quinze anos, a editora publicou 342 títulos compreendidos em coleções de Economia, Política e Direito, Sociologia, História, Filosofia, Antropologia, Biblioteca Americana, Terra Firme e Ciência e Tecnologia.

Alfonso Reyes sempre esteve muito próximo do FCE tanto como autor quanto tradutor e colaborador. Sua presença ajudou na seleção de muitas obras do catálogo, recrutando, assim, eminentes escritores para publicar obras da literatura brasileira em espanhol, tornando possível a apreciação dessa cultura no resto da América Latina. Atualmente, por exemplo, dele fazem parte: *Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; *Macunaíma*, de Mario de Andrade; *Poesia, ficção, textos críticos*, de Oswald de Andrade; *Os contos*, de Machado de Assis; *Libertinagem – Estrela da Manhã*, de Manuel Bandeira; *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; *Grande sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa.

Com relação a um de seus feitos mais trabalhosos, voltaremos um pouco no tempo: estando ainda no Brasil, Alfonso Reyes deparou-se com muitos obstáculos para concretizar um projeto que tanto desejava, a criação do PEN Club Brasileiro.

Em 1930, foi eleito membro honorífico do Club de Buenos Aires. Conversou então com Ronald de Carvalho sobre a possibilidade de fundar uma filial no Rio, a qual ficaria sob a responsabilidade do poeta e diplomata Tristão da Cunha. Mas o tempo passou e não se decidiu nada. Dois anos depois, Ribeiro Couto planejou um jantar informal para discutir a organização do Club, e convidou o escritor francês Luc Durtain, enviado do PEN Club francês para estabelecer uma filial no Brasil. Como nenhum dos dois chegou a comentar com o embaixador os planos da fundação da filial, a reunião acabou num grande mal-entendido, como nos conta Fred Ellison:

Ribeiro Couto explica, num longo artigo no *Jornal do Brasil* do Rio, que Reyes, ao saber da confusão, lembrou-lhe (a Couto) que ele fora encarregado de estabelecer a filial carioca, e perguntou: “No le dijo Tristán da Cunha que desde mi llegada lo estoy procurando (fundar a filial) a ruegos de Buenos Aires?” Surpresa para Ribeiro Couto, que atribuiu tudo “à dispersão em que vivemos os homens de letras aqui.” (2002, p. 145).

Finalmente, em 1936, o PEN Club – centro brasileiro da Associação Internacional dos Escritores – foi fundado na Praia do Flamengo, nº. 172, sob os auspícios da UNESCO. No dia 19 de junho do mesmo ano, Rodrigo Octávio Filho, presidente da casa, por considerar Alfonso Reyes um de seus fundadores, proporcionou-lhe um dos vários banquetes de despedida promovidos por motivo da partida do embaixador para Buenos Aires.

O correio literário MONTERREY foi outro dos tantos labores realizados em terras brasileiras, mas, por ser o foco deste trabalho, merece um capítulo à parte, onde será visto mais detalhadamente.

## MONTERREY, CORREO LITERARIO DE ALFONSO REYES

MONTERREY foi planejado quando Alfonso Reyes ainda estava na Argentina. Seu subtítulo – *correo literario de Alfonso Reyes* – expressa bem a que veio. A intenção do embaixador, como diz um mês antes de vir para o Brasil, em seu *Diario 1911-1930*, era criar “*un pliego suelto, periódico, que sea menos que revista y menos que periódico literario al tipo de Les Nouvelles Littéraires: un contacto con los colegas, y una recopilación de apuntes y flecos de la obra*” (REYES, apud ELLISON, 2002, p. 84-85). MONTERREY seria o seu ponto de contato com os amigos intelectuais que deixara espalhados pelo mundo, saciando, assim, sua necessidade de dialogar, principalmente, sobre literatura e os bastidores da mesma.

Assim que lançou seu primeiro número, viu-se completamente desestimulado por alguém muito especial, seu grande amigo e mentor dos tempos do Centenário Mexicano, Pedro Enríquez Ureña. Este acreditava que Reyes deveria ter-se dedicado a uma tarefa literária mais convencional; entretanto o apoio de seu chefe na Secretaría de Relaciones, o escritor e historiador Genaro Estrada, foi muito importante nesse momento, incentivando-o a continuar.

Enríquez Ureña, porém, não foi o único a mostrar repúdio com relação a MONTERREY. Naquela época, o

México estava dividido entre nacionalistas e universalistas, ou melhor, entre os antigos e os modernos, como diria Reyes posteriormente. Héctor Pérez Martínez, jornalista do *El Nacional* da capital mexicana, criticou-o por ocupar seu tempo com essa atividade em vez de escrever e dar destaque à literatura mexicana contemporânea. Alfonso Reyes não deixaria o comentário sem uma réplica, e escreveu então um longo texto intitulado *A vuelta de correo*, em 1932, no Rio de Janeiro, e reeditado posteriormente em suas *Obras Completas*, com uma pequena, mas sensível introdução na qual deixou claro o seu desejo de não reabrir a polêmica com o jornalista, que veio a desculpar-se em um segundo artigo. A decisão de republicar *A vuelta de correo* partiu dos dois, como uma demonstração da amizade que se formou com a volta de Reyes ao México.

O texto, composto por vinte e três páginas, chama a atenção, entre vários aspectos, para a necessidade do México, tanto quanto os outros países, manterem contato com os demais povos. Em um determinado momento, explica o porquê de a revista conter muitas influências europeias. Segundo Reyes, isso seria uma alternativa encontrada para fazer com que os latino-americanos conseguissem ver-se através do olhar do outro e assim conhecerem-se melhor:

De tiempo a esta parte – y no lo ha notado este cruel amigo que me obliga a explicarme mucho más de lo que yo quisiera – vengo sintiendo la necesidad, y saciándola como puedo, de someter nuestra América a los grandes reactivos del pensamiento, para ver lo que de ello resulta. Un día procuro proyectar sobre nuestro paisaje la luz de Virgilio, otro día – en el último cuaderno de *Sur* [revista argentina], en el próximo de *Monterrey* – la luz de

Goethe. Aun he aconsejado que emprendamos metódicamente el examen de las influencias europeas sobre nuestras letras, con regla y doble decímetro de literatura comparada, a fin de que ello nos ayude a establecer aquella parte de originalidad inconsciente que elabora y muda las influencias haciendo oro de la ganga; a fin de que ello nos ayude a dibujarnos desde afuera, a conocer la fisonomía que damos, como quien se estudia en el espejo. (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. VIII, p. 433-434).

Mais adiante, protestou com relação à crítica de que MONTERREY não adotava um perfil totalmente nacional, ou seja, mexicano, pois considerava que, ao se referir à América, estava inevitavelmente falando do México. Fica claro o seu desejo de ver seu país como membro participante de uma estrutura global, na qual existisse diálogo entre as partes:

Y no se me diga que hablar de nuestra América en general, como muchas veces lo hago, no es también referirse a México, pues las cosas mexicanas – cuando de lo espiritual se inquiere – no son tan específicamente mexicanas que resulten ajenas al resto de nuestras repúblicas, y siempre será lícito considerar a México como un caso agudo y expresivo de la cuestión americana. (ibid., p. 434).

O tema continuou sendo desenvolvido até o ponto em que mostrou a sua preocupação a respeito do fato de se exigir de uma obra os elementos que caracterizem e enalteçam a sua própria nacionalidade, ao ponto de torná-la dependente dos aspectos alegóricos, exóticos e/ou pitorescos de uma nação:

La vulgar censura: “Esto pudo haber sido escrito en cualquier parte”, aunque niegue determinación geográfica, nada quita al valor artístico. Las obras de arte no son coordenadas geométricas destinadas a fijar el domicilio del artista. Es frecuente esgrimir ese triste argumento entre los escritores americanos. ¡Como si el

americano fuera un tipo humano dialectal o morboso, sin derecho a participar como todos en el festín trágico de la vida!

[...]

Crear que solo es mexicano lo que expresa y sistemáticamente acentúa su aspecto exterior de mexicanismo es una verdadera puerilidad. [...] Grosero error juzgar del carácter de una literatura sólo por sus referencias anedócticas. (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. VIII, p. 443).

Apesar do tom exaltado da resposta, Alfonso Reyes não se permitiu atravessar os limites da boa educação e do respeito para com o jornalista Héctor Pérez Martínez. Além dessas duas críticas, existiram outras de mais alguns conterrâneos, não substanciais o suficiente para merecerem destaque, principalmente, se levarmos em consideração o número e qualidade de elogios feitos a MONTERREY, vindos de várias partes do mundo. Genaro Estrada, por exemplo, ao saber dos comentários depreciativos que Pedro Enríquez Ureña fizera ao suplemento, enviou-lhe um telegrama dizendo: *“Debe usted continuar esa publicación que es original interesante útil simpática excelente ESTRADA”* (ESTRADA, apud ELLISON, 2002, p. 85).

Outra demonstração do apreço destinado a MONTERREY verifica-se no fato de que, a cada número publicado, mais cartas – contendo permutas de informações, comentários e manifestações de carinho – eram trocadas entre Alfonso Reyes e seus leitores-correspondentes.

## **Apresentação de MONTERREY**

Os teóricos se referem a MONTERREY como uma revista, e sua publicação pelo Fondo de Cultura

Económica em edição fac-similar, junto às revistas ANTENA (1924), EXAMEN (1932) e NÚMERO (1933 – 1935) sob o título *Revistas Literarias Mexicanas Modernas* dá ainda mais força ao uso desse termo, mas não era a concepção de seu criador.

MONTERREY – nome escolhido em homenagem a sua cidade natal – foi o correio literário de Alfonso Reyes: carta impressa, em aproximadamente 21 x 32 cm, com uma média de oito páginas divididas em três colunas. Na primeira página do primeiro número publicou o texto *Propósito*, deixando claro que não se tratava de um manifesto estético, “*mala costumbre, ésta, en mala hora importada de la política a la literatura*” (REYES, 1980, p. 101). Nele menciona várias revistas e periódicos literários de autor único, para com isso explicar que não se trata do caso de MONTERREY.

Reyes pensava que as revistas surgiam para preencher os interstícios deixados entre os livros e, por sua vez, os periódicos surgiram para preencher os interstícios deixados entre as revistas. Ambos em níveis diferentes. Segundo Raul Antelo, em seu texto *As revistas literárias brasileiras* veiculado em <[http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletem\\_de\\_Pesquisa2/texto\\_raul.htm](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletem_de_Pesquisa2/texto_raul.htm)>, de um modo geral, as revistas trazem uma forma de crítica, nas quais circulam relações tensas. Os comentários são normalmente elaborados por um conjunto de especialistas, o que pode acabar gerando um tom hierárquico. Tal hierarquia já não se daria, no entanto, com relação à variedade do seu conteúdo, visto este abranger assuntos distintos dentro de um tópico central. Já os periódicos mediam os embates culturais entre a novidade e o cânone, valendo-se da experiência dos seus fundadores

com relação ao público, propiciando certo autoritarismo na definição do que é passageiro e do que perdurará.

Para Reyes, os periódicos recorrem à literatura por simpatia ou para ocupar um espaço vazio. Quando se referem a alguma obra, a uma reunião entre escritores ou à chegada de algum personagem ilustre, acabam ocupando o lugar deixado pelas tertúlias ou pelo trato epistolar:

La tertulia, la conversación literaria, van pasando de la viva voz a la palabra estampada, como el trato social y las visitas se van esquematizando en la tarjeta. Ese tono medio de voz que correspondía a la carta literaria, pocos se atreven a derramarlo en sus libros, y no siempre los que lo hacen son bien entendidos. (REYES, 1980, p. 102).

Continua a diferenciação entre periódico e revista, afirmando que o primeiro, em termos materiais, é constituído por folhas dobradas ao meio, inseridas umas nas outras, como os jornais, enquanto a segunda tende ao aspecto dos folhetos. Porém, o mais importante é o fato de que as revistas e os periódicos diferem principalmente na intenção. Enquanto, para Reyes, a revista tenta ser uma antologia breve de obras literárias, o periódico, por mais que também dê destaque à parte antológica, publica notícias do mundo literário, trocando o tom poético por um mais prático:

Va dejando de ser la diminuta biblioteca de páginas escogidas, y es, cada vez más, estuche de instrumentos y gaceta de avisos para el trabajador literario. Si acepta aún fragmentos de libros o verdaderos artículos, tienen que ser cortos, por la escasez del espacio de que dispone; si aborda la crítica, procura las conclusiones rápidas y las fórmulas epigramáticas. Todavía admite folletones y series de artículos. Todavía se resiente de la forma y el espíritu de la revista – que, al cabo, ha sido su matriz, y no deja aún de ser su modelo. Pero

ya, entre la revista y el periódico, hay la diferencia que media entre el dibujo sombreado con relieves de claroscuro, y el dibujo de simple línea o contorno. Mucho más sentimental, la revista; mucho más intelectual – en tendencia, al menos – el periódico. Más pintura en aquella, pero en éste, más geometría. Allá todo un cuadro. Acá, un esquema. (ibid., p. 102).

No entanto, MONTERREY não se enquadra especificamente em nenhum dos dois casos. Por mais que se assemelhe a um periódico em suas características gráficas, não resume seu conteúdo à publicação de breves obras e notícias literárias, como tampouco se utiliza de juízos de valor para estipular o que é fugaz e o que é perene. Por mais que se assemelhe a uma revista na diversidade de seu conteúdo, seus textos vão além de uma sucinta antologia de obras literárias em verso e prosa e de artigos teórico-críticos. Em suas páginas, pode-se encontrar espaço aberto para pesquisas de ordem literária, diálogo entre amigos que queiram esclarecer dúvidas ou trocar erudições e, inclusive, mensagens de agradecimento por obras obsequiadas.

Ressalta Alfonso Reyes, ainda em seu *Propósito*:

Quiero decir, que [un autor de periódico literario] se atreverá a bajar el tono poético, un poco más que si se encontrara en un periódico hecho entre varios. Lo cual no significa que se prive de la libertad de publicar fragmentos de la obra pura, propia o ajena, cada vez que le plazca. Y siempre habrá de placerle, al menos que se produjera el absurdo de un literato sin bellas letras, de un poeta sin poesía. Usará pues, de su periódico, ante todo, como una herramienta de su taller artístico. También podrá ser que lo use a modo de museo privado, para exhibir en él esas notas o curiosidades que todos gustamos de juntar, aun cuando dudemos que nos sirvan de nada. Hará de él un órgano de relación, de relación social, con el mundo de los escritores: un

boletín de noticias del trabajo, casi una carta circular. En suma: un correo literario. (REYES, 1980, p. 102).

A variedade de temas encontrada no correio literário pode causar uma impressão errônea de ser ele uma aleatória compilação de assuntos desconexos. MONTERREY seguia regras: os textos estavam ligados a seções, que não estavam presentes necessariamente em todos os exemplares, e as colaborações deveriam ser artigos curtos ou médios sobre assuntos literários ou culturais: seriam escritos na maioria das vezes por Reyes ou por algum escritor ou pesquisador convidado por ele, tendo o espanhol como a língua preferencial, mas não obrigatória.

Há uma discrepância quanto à data de publicação do primeiro número de MONTERREY. Sua neta, Alicia Reyes, afirma em seu livro *Genio y figura de Alfonso Reyes* (2001, p. 194), que o correio foi publicado em 19 de junho de 1930. Já o estudioso Fred Ellison menciona em sua obra *Alfonso Reyes e o Brasil* (2002, p. 85) o dia 16 de julho de 1930 como a data de lançamento do primeiro número. Pela primeira página deste, parece que a neta está certa, por constar nela o seguinte cabeçalho: “Num. 1.– Rio de Janeiro, Junio de 1930” (REYES, 1980, p. 101).

O 2º e o 3º números foram lançados no mesmo ano. Em 1931, Reyes publicou do 4º ao 7º número; em 1932, o 8º e o 9º; em 1933, o 10º; em 1934, o 11º; em 1935, o 12º; em 1936, o 13º (último no Brasil); e em 1937, o 14º, em Buenos Aires.

Pela proximidade entre a língua portuguesa e a espanhola, muitos erros de grafia foram gerados, causando-lhe grandes aborrecimentos com as gráficas, como conta em *Sobre la crítica de los textos*:

La probabilidad de corrección de una copia hasta puede decirse que está en razón inversa del interés subjetivo del texto. Más le interesa al copista (o al tipógrafo) lo que lee, menos se cuida de la exactitud material con que lo está copiando. Se ha dicho que los tipógrafos ideales son los extraños a la lengua del texto por imprimir. Y el peor caso, el del tipógrafo que habla una lengua semejante, pero diferente, a la del texto, donde hay lugar a contaminaciones continuas. ¡Lo que yo he podido sufrir para mis publicaciones españolas en las imprentas del Brasil! A cada instante se me confundían “Luiz” y “Luis”, “disfarzado” con “disfrazado”, etcétera. (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. XIV, p. 181).

Além disso, os tipos e a tinta não lhe pareciam de boa qualidade. Até o número 3 os exemplares foram impressos na gráfica La Raza, na Rua do Senado, nº. 8. Do quarto ao décimo terceiro passaram a ser impressos numa gráfica na Rua da Misericórdia, nº. 38. Essa gráfica aparece com nomes diferentes dependendo do exemplar: do quarto ao nono, Fernandes & Rohe; no décimo, Apollo; no décimo primeiro, Fernandes & Irmão, no décimo segundo, Apollo novamente; e no décimo terceiro, Fernandes & Irmão; uma vez mais. Com a mudança de gráfica, o tipo do título da revista e dos subtítulos foi alterado, ganhando mais elegância e leveza (anexo 6). O seu timbre informal era o Cerro de la Silla, em sua Monterrey nativa, representado por um desenho simples de uma montanha e casas. Logo abaixo constava o número de páginas, o endereço da embaixada e os dados da gráfica onde foi impresso cada número. Pelo que indica uma rubrica muito pequena ao lado da ilustração, esta parece ter sido feita pelo próprio poeta (anexo 7).

Na última página do número nº. 11, publicado em setembro de 1934, consta a seguinte nota:

Durante muchos meses debí interrumpir la salida de este correo por razones ajenas a mi voluntad. Pero, si la vida me deja, he de continuarlo a lo largo de los años, a pesar de las posibles interrupciones futuras.

El presente número cierra una época. El próximo, si tengo tiempo como espero, lo publicaré en la ciudad de México, donde me ofrezco a las órdenes de mis amigos en la 5ª calle del Ciprés, nº. 150. (REYES, 1980, p. 210).

Isso explica o intervalo de tempo cada vez maior entre as publicações, como já vimos anteriormente, e demonstra a indefinição com o rumo que sua vida estava tomando, porquanto um ano depois, ainda no Rio, há um aviso na terceira página do número 13 informando aos leitores que, a partir do número seguinte, o correio seria publicado em Buenos Aires, aproveitando para despedir-se carinhosamente do Brasil. De fato, o número 14 foi impresso na gráfica Lopez, rua Peru, nº. 666, por motivo de sua transferência para a embaixada na Argentina.

Seu esmero não se percebe somente na busca por uma gráfica mais adequada ao seu correio, mas também no arroubo de perfeccionismo, que o levou a queimar todos os exemplares do segundo número devido a um equívoco: o nome de Emilio Abreu Gómez foi trocado pelo de outro amigo, Hermínio Pérez Abreu. Diante da indelicadeza, destruiu-os e mandou imprimir os exemplares novamente. O maior problema, no entanto, concentrava-se no fato de o embaixador estar custeando a revista com o próprio dinheiro: diante desse imprevisto, os gastos ficaram maiores.

A distribuição também era feita por ele, com a ajuda de sua esposa e de seu filho. O trabalho era feito com afinco. Após três dias da publicação do primeiro número,

o trio repartiu aproximadamente trezentos exemplares, destinados somente aos amigos, localizados no Brasil ou no exterior, não sendo assim comercializada ou compartilhada com estranhos. Alguns de seus leitores passaram a ter uma atitude mais ativa com relação à publicação, vindo a participar muitas vezes em suas seções, ora escrevendo um artigo ou propondo um assunto, ora enviando obras inéditas ou questionado alguma colocação.

## **Estrutura de MONTERREY**

O correio literário MONTERREY é composto por dezessete seções (apêndice 1). Excetuando a PUBLICACIONES RECIBIDAS, nenhuma delas consta em todos os números, aparecendo umas mais vezes que outras.

A seção GUARDIAS DE LA PLUMA contém assuntos considerados polêmicos por Alfonso Reyes, como, por exemplo, o livro de Max Daireaux que tenta em trezentas páginas traçar o quadro da Literatura Hispano-americana sem, no entanto, mencionar a zona do México, das Antilhas e da América Central. Em dado momento Reyes questiona:

Pero, entonces ¿por qué llamar tomo: *Littérature Hispano-Américaine*, en vez de llamarle – hubiera sido lo propio – *Littérature Sud-Américaine*? [...] ¡Y no que ahora vamos a complicar más esa tradicional arcanidad de México! ¡Ya no sabemos dónde ponerlo! ¿Dónde está México, amigo mío, si el mundo sólo le llama Norteamérica a los Estados Unidos y Ud. ahora nos lo excluye del orbe Hispanoamericano? (REYES, 1980, p. 103).

Mais uma vez fica latente a preocupação de Alfonso Reyes com relação à concórdia americana, destacando a

necessidade de uma maior compreensão e colaboração continentais.

EL ASEO DE AMÉRICA aparece pela primeira vez no número 7, dentro da seção GUARDIAS DE LA PLUMA, e retorna independente nos números 8, 9 e 10. A ideia de se fazer o asseio da América surgiu do desejo alfonsino de que os europeus conheçam de fato a América. Muitos são os livros americanos que os escritores da Europa podem ler, mas quais deles realmente mostram o pensamento e a história latino-americana? A partir dessa indagação fez a seguinte proposta:

Si yo tuviera elementos para ello, ahora mismo convocaría a toda nuestra América a toque de campana, para convidar a las veinte literaturas a decidir sobre este punto de vital importancia: la creación, para cada una de nuestras repúblicas, de una Biblioteca Mínima Representativa. Esta Biblioteca Mínima será la que ofreceríamos al viajero ilustre. Ella podría consultarse en todos nuestros consulados, Legaciones y Embajadas. Cada comisionado oficial llevaría una en su maleta, como la dotación reglamentaria que el soldado carga en la mochila. La ofreceríamos a las bibliotecas públicas extranjeras y aun a las escuelas de los países amigos. Difundiríamos en nuestro propio país el conocimiento de la respectiva Biblioteca Mínima como un deber cívico ineludible. La B. M. sería nuestro pasaporte para el mundo, sería nuestra moneda espiritual. (REYES, 1980, p. 161).

No número 10, Reyes comenta que os escritores cubanos foram os primeiros a escutar seu apelo pela Biblioteca Mínima e publica, então, a lista individual dos oito colaboradores, finalizando com a seguinte pergunta: “*¿Cuándo llegarán las respuestas de otros países?*” (REYES, 1980, p. 188). Infelizmente, o questionamento ficou sem resposta – pelo menos nas páginas de MONTERREY –, pois a seção não apareceu novamente.

Depois de PUBLICACIONES RECIBIDAS, INVESTIGACIONES é a seção mais constante no correio. Nela, Alfonso Reyes propõe a pesquisa de um ou vários temas, estimulando, assim, seus leitores a participar. No número 1, por exemplo, explica que o escritor francês Léon Pierre-Quint está publicando uma bibliografia sobre a literatura estrangeira relativa a Marcel Proust, entretanto, praticamente, não tem informações sobre o que foi escrito na América Latina e na Espanha. Reyes solicitou aos seus correspondentes latino-americanos o envio de alguma informação, já que os escritores espanhóis se incumbiriam de pesquisar as obras de seu país. O pedido foi atendido e muitos dados foram publicados nos números seguintes do correio.

Outro tema proposto refere-se a um possível estudo mais profundo do modernismo hispano-americano por parte dos filólogos; contudo, esse tema não foi devidamente retomado.

Na seção CUADERNO DE APUNTES, Alfonso Reyes retoma textos próprios já publicados anteriormente, muitas vezes estendendo seu conteúdo. Alguns deles são sobre duas comédias de Ruiz de Alarcón, sobre o Frei Servando Teresa de Mier e sobre o solilóquio do personagem Segismundo em *La vida es sueño*, de Calderón de la Barca: deste, segundo ele, surgiram obras que nada mais são além de uma “*mera imitación*” (REYES, 1980, p. 162).

VIDA LITERÁRIA abarca as notícias de âmbito literário, anunciando de forma mais minuciosa o lançamento de alguns livros, o processo de escrita de outros, para os quais normalmente pede a colaboração dos leitores quanto ao envio de informações pertinentes,

e, até mesmo, sugere a candidatura do filólogo espanhol Ramón Menéndez Pidal ao prêmio Nobel de 1931.

Em JITANJÁFORAS, recolhem-se e publicam-se jitanjáforas, jogos de palavras criados pelo poeta cubano Mariano Brull. Reyes define-as como enunciados carentes de sentido que pretendem conseguir um resultado eufônico. Tal definição foi inserida na vigésima segunda edição do *Diccionario de la Real Academia Española* como uma palavra inventada pelo humanista Alfonso Reyes. Na abertura da seção Reyes menciona alguns exemplos:

[...] señalo la aparición de un precioso artículo del provenzal Jean Giono: *L'EauVive, Nouvelle Revue Française*, mayo de 1930, donde se trata de las canciones sin sentido con que un matador de reses se hace seguir por los animales. Otra canción servía para alejar el mal tufo cuando se destaza el jabalí: evoca toda la colina y sus aromas, y hasta el perfume de las virtudes de María. Pero, sin sentido todo, sin sentido y como soñando.

Esto hace pensar en la fuerza natura – es decir en la fuerza mágica – de las palabras. Y esto nos llevaría a los ensalmos y a los rezos de brujería. (REYES, 1980, p. 107).

EPISTOLARIO e ESTAFETA são seções destinadas às cartas trocadas entre inúmeros escritores de renome, seja da América Latina, da Europa ou dos Estados Unidos, abarcando sempre temas de cunho literário. Embora a divisão entre as duas seções não seja muito precisa, a primeira tende a ter os remetentes revelados, enquanto a segunda nem sempre os revela.

Algumas seções estão presentes em somente dois números de MONTERREY: MUSEO traz uma carta do ex-presidente mexicano General Mariano Arista e um retrato do poeta mexicano Aurélio Luis Gallardo, como uma contribuição gráfica à celebração do Centenário do

Romantismo na América. RAYAS DE LÁPIZ ressalta fragmentos aleatórios de obras, a partir dos quais se tecem breves comentários. Em LOS OJOS DE EUROPA, Alfonso Reyes pede o testemunho de viajantes europeus sobre lugares e aspectos estéticos latino-americanos que tenham observado. Os textos presentes em GOETHE Y AMÉRICA e VIRGILIO Y AMÉRICA entrecruzam esses escritores a aspectos literários e culturais latino-americanos, mesmo que se resumam, em alguns casos, a meras curiosidades.

Alfonso Reyes, comentarista pioneiro do poeta inovador do barroco espanhol Luis de Góngora, reúne na seção BOLETIM GONGORINO estudos de sua própria autoria a respeito desse autor, além de publicar notas relacionadas à pesquisa de gongoristas em diferentes países.

NOTICIA MEXICANA, presente do 1º ao 9º número, destaca revistas e livros mexicanos examinados e/ou lidos pelo embaixador, os quais, para uma melhor visualização, são separados, a cada número, em subitens, visto que as obras mencionadas abarcam assuntos diversos, como podemos observar no número 8, em que constam os tópicos: geografia e história, história diplomática, assuntos sociais, arte, folclore, arqueologia, literatura e viagens.

Em MISCELANEA, o leitor encontra textos enquadrados na proposta expressa pelo título da seção – fragmentos de obras literárias variadas e de autores diversos – e notas de correspondentes acerca de artigos publicados em números anteriores de MONTERREY.

A seção PUBLICACIONES RECIBIDAS, espaço reservado para acusar o recebimento de obras presenteadas, consta de todos os números. Pelo volume cada vez maior de revistas e livros mencionados, o correio que a princípio continha oito páginas, chegou a possuir doze, cinco destas

destinadas à seção. Tal crescimento ameaçava o tamanho dos outros setores da publicação, e seu conteúdo, a partir do 9º número, recebe uma subdivisão mais minuciosa, separando as revistas e os livros vindos do México daqueles oriundos de países estrangeiros. PUBLICACIONES RECIBIDAS pode ser definida como uma selecionada bibliografia da época, indicando, assim, a divulgação e o prestígio alcançados por MONTERREY.

Na verdade, o contraste entre algumas seções não fica muito claro, pois, em determinados momentos, os seus conteúdos aproximam-se e/ou se mesclam. Também podemos observar que alguns números apresentam notas ou artigos desvinculados de seções, como ocorreu no primeiro, em que se comunica o falecimento de José Carlos Mariátegui, de Gabriel Miró e de D. H. Lawrence (apêndice 2).

Posteriormente, a maioria dos artigos escritos por Alfonso Reyes presentes em MONTERREY foi republicada (e algumas vezes ampliada) em suas coleções de ensaios e, por fim, distribuída por vários volumes de suas *Obras Completas*.

A importância de MONTERREY para o estabelecimento de um diálogo entre o Brasil e o México – e, por que não dizer? entre o Brasil e os países hispano-americanos – é o que vamos ver no capítulo seguinte.

## BRASIL EM FOCO

MONTERREY, *correo literario de Alfonso Reyes* propiciou ao seu autor um meio de comunicar-se com seus amigos intelectuais distribuídos pelo Brasil e pelo mundo e um canal de divulgação da cultura mexicana. Contudo, ao ler as suas páginas, o leitor também poderá observar como Reyes participou da vida intelectual do país e divulgou aspectos da literatura e da cultura brasileira para seu seletor público hispano-americano e europeu.

Para um melhor entendimento das referências feitas ao Brasil, estas serão apresentadas respeitando a ordem em que foram publicadas: como poderemos ver, alguns números trazem mais menções do que outros; porém, em todos, consta a notificação do recebimento de obras brasileiras na seção PUBLICACIONES RECIBIDAS.

Para iniciar o percurso pelos fólhos de MONTERREY, temos já na primeira página do número 1, a impressão de um quadro vanguardista do pintor pernambucano Vicente do Rego Monteiro, a quem Alfonso Reyes conheceu em sua estada em Paris.

Esse pintor, que alternou sua existência entre a França e o Brasil, durante uma viagem à terra natal, mais especificamente Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, entrou em contato com os artistas e intelectuais que desencadeariam a Semana de Arte Moderna, vindo a participar do evento com dez pinturas.

Enquanto os outros pintores mostravam-se iconoclastas, Rego Monteiro reforçava suas convicções pintando cenas bíblicas e, justamente seu estilo diferente dos demais pintores do Modernismo fez de Monteiro Lobato, que anos antes havia criticado os quadros de Anita Malfati, um dos seus poucos entusiastas no país.

Sem ambiente no Brasil, Rego Monteiro retornou à França, onde foi adotado pela chamada Escola de Paris, da qual faziam parte os cubistas Picasso e Braque – atualmente, um de seus quadros está no museu Metropolitan de Nova York – no entanto, seu prestígio no exterior não repercutiu em seu próprio país, sendo possível que os intelectuais da época o tenham ignorado por não concordarem com sua posição ideológica: enquanto muitos artistas eram simpáticos às ideias da esquerda, ele era integralista – a versão brasileira do fascismo.

Suas obras eram caracterizadas por um figurativismo geometrizado em que a cor é quase sempre usada de forma econômica, variando principalmente entre os tons de ocre e marrom. Suas influências passaram tanto pelo abstracionismo quanto pela *art déco*, pelo cubismo e pela arte indígena (principalmente a marajoara).

Em seus melhores momentos, Rego Monteiro, embora aparentado a outros artistas de seu tempo, é pessoal, concentrando sua peculiaridade na insistência com que abordou temas nacionais. Mas ele sentiu também, como poucos, as sutilezas do movimento, visto ser fascinado pela dança e pelo esporte, como podemos ver no quadro que ilustra a primeira página de MONTERREY – *Tennis* (anexo 8). Na época, essa obra estava participando da Exposição de Arte Moderna Francesa coordenada por ele, no Palace Hotel, no Rio de

Janeiro, e Alfonso Reyes, sabedor do reconhecimento dado a Rego Monteiro no exterior, destinou-lhe um espaço nas páginas do seu correio literário, destaque muitas vezes negado por seus conterrâneos.

Ainda no número 1, foi publicado um artigo de Pedro Enríquez Ureña, intitulado *Datos sobre el teatro de la América Latina*, cuja conclusão deu-se na reimpressão do número 2. Entretanto, o termo reimpressão talvez não seja o mais apropriado, visto que o segundo número 2 sofreu algumas modificações, como a republicação do artigo de Pedro Enríquez Ureña, contendo, então, o final do texto.

Após distribuir por doze itens dados minuciosos sobre o teatro hispano-americano – como o surgimento da arte dramática nas igrejas, os vilancicos dedicados por Sor Juana Inés de la Cruz a diversos santos e festas, a construção da Casa de comédias no México, o nível em que o teatro se encontrava na América espanhola no momento das guerras de independência, a carência de atores profissionais, a análise do teatro nacional em vários países, entre outros aspectos –, Enríquez Ureña menciona, no último tópico de seu artigo *Datos sobre el teatro de América Latina*, que, embora o Brasil não fizesse parte da América espanhola, seu teatro nacional encontrava-se organizado nos mesmos padrões do argentino, sem possuir, entretanto, a mesma qualidade. Logo após a sua assinatura, inclui uma nota em que se desculpa, justificando a sua falta de exatidão em vários assuntos pelo fato de estar escrevendo no campo, onde não possui livros que pudessem aprofundar a pesquisa.

A parte que coube ao Brasil foi mínima, e a falta de maiores informações pode estar ligada ao desinteresse ou ao desconhecimento do assunto. Em seu texto *Caminos de*

*nuestra historia literaria*, de 1925, Enríquez Ureña discute a intenção de se estabelecer a história literária da América hispânica e comenta que:

[...] no es pereza lo que nos detiene: es, en unos casos, la falta de ocio, de vagar suficiente (la vida nos exige, ¡con imperio!, otros labores); en otros casos, la falta del dato y del documento: conocemos la dificultad, poco menos que insuperable, de reunir todos los materiales. Pero como el proyecto no nos abandona, y no faltará quien se decida a darle realidad, conviene apuntar observaciones que aclaren el camino. (ENRÍQUEZ UREÑA, 1998, p. 247).

Frente à dificuldade encontrada com relação à fonte de dados da literatura hispano-americana, o que dizer no tocante à do Brasil? No mesmo ensaio, Enríquez Ureña discute a tendência, particularmente difundida na Argentina, de dividir a América em boa e má. A boa seria formada pelos pequenos países quentes e as nações bem organizadas, e a má, pela região tropical. Logo adiante, complementa afirmando que:

[...] la América intertropical se divide en tierras altas y tierras bajas; sólo las tierras bajas son legítimamente tórridas, mientras las altas son de temperatura fresca, muchas veces fría. ¡Y el Brasil ocupa la mayor parte de las tierras bajas entre los trópicos! Hay opulencia en el espontáneo y delicioso barroquismo de la arquitectura y las letras brasileñas. Pero el Brasil no es América española... (ENRÍQUEZ UREÑA, 1998, p. 252).

Mediante tais comentários, poderíamos ter a impressão de que Pedro Enríquez Ureña não se interessava pelo Brasil ou por sua literatura pelo fato de seu foco de estudo se concentrar primordialmente na América Hispânica; contudo esse grande escritor conhecia muito bem a obra do modernista Ronald de

Carvalho, e com maior destaque a sua *Pequena História da Literatura Brasileira* (1919). Inclusive, em seu livro *La Utopía de América* (1925), dedica um bosquejo ao brasileiro. Afinal, como afirma nessa mesma obra: “*lo interesante para estudiar no es la semejanza: es la divergência*” (ENRÍQUEZ UREÑA, 1925, p. 83).

Pedro Enríquez Ureña não escreveu novamente em MONTERREY, mas as informações sobre o teatro estenderam-se nos dois números seguintes por um correspondente identificado como G. V. e por Rafael Fuentes Jr. Esses artigos, contudo, referiam-se somente às informações relativas ao teatro mexicano.

Alfonso Reyes, no 1º número de MONTERREY, na seção INVESTIGACIONES, como já foi dito anteriormente, solicitou a colaboração dos leitores latino-americanos por meio do envio de informações, visto que o escritor Léon Pierre-Quint estava publicando uma bibliografia sobre a literatura estrangeira relativa a Marcel Proust. Já no número 2 teve seu pedido atendido, e das quatro obras mencionadas, três eram de autores brasileiros: *Estudos*, de Tristão de Athayde; *Dois ensaios*, de Jorge de Lima; e *Relativismo estético de Marcel Proust*, de C. da Veiga Lima. Outras duas obras brasileiras foram citadas na seção INVESTIGACIONES do número 5: *A propósito do Proust*, de João José, e *Marcel Proust*, de Tristão de Athayde.

O exemplo anterior não é o único a demonstrar a participação dos leitores brasileiros com relação a MONTERREY. Alfonso Reyes escreveu o artigo *La imprenta medieval* (REYES, 1980, p. 117), no qual comenta ter desejado, algumas vezes, instalar em sua residência uma pequena gráfica, para poder fazer os livros ao seu modo, auxiliado por gente próxima, caso fosse preciso,

para que tudo pudesse ser produzido pelas próprias mãos. Acrescentou, porém, ter desistido da ideia ao constatar o quanto isso causaria incômodos além de demandar tempo e esforço. E, justamente por reconhecer o quão trabalhosa seria a empreitada, cita e enaltece entusiasmadamente em seu texto o caso do poeta andaluz Manuel Altolaguirre, que produzia sozinho duzentos exemplares de sua revista mensal, *Poesía*. Como consequência desse artigo, foi publicada no número seguinte de MONTERREY, na seção MISCELÁNEA, a carta de um leitor brasileiro (que não se identificou ou não teve seu nome mencionado), na qual informa a Alfonso Reyes a existência de uma revista produzida por um grupo de novos escritores:

Como informação bibliográfica, indico-lhe uma revista nossa, de que apareceram três ou quatro números há uns quatro anos atrás em Recife: *Revista do Norte*, órgão de um pequeno grupo de novos, - Luiz Delgado, Gilberto Freyre, José Maria de Albuquerque Mello, Manuel Lubambo, João de Vasconcelos, etc. A revista era composta e impressa à mão pelo "Zé" Maria de Albuquerque Mello; e com um grande gosto tipográfico, com caracteres mandados vir da Espanha, no tipo aproximado da *Revista de Occidente*. (REYES, 1980, p. 134).

Também participaram da *Revista do Norte* Joaquim Cardozo, Benito Monteiro, Luís Jardim e Ascenso Ferreira. Este último, em conversa com Manuel Bandeira, confidenciou-lhe que, quando o movimento modernista chegou ao Nordeste, não se sentiu interessado pela novidade, mas, ao ouvir o poeta paulista Guilherme de Almeida, de passagem por Pernambuco, declamar seu poema *Raça*, não conseguiu resistir:

'Formara-se o grupo da Revista do Norte', contou ele próprio [Ascenso Ferreira a Manuel Bandeira]. 'Aproximara-me eu de seus componentes mais como boêmio do que como poeta... Benedito Monteiro foi quem maior influência exerceu na minha transformação. Contudo, é preciso não esquecer José Maria de Albuquerque e Melo e Joaquim Cardozo. Do grupo faziam parte também Gilberto Freyre, recentemente chegado dos Estados Unidos, cujos artigos, despertando o amor pelas coisas da nossa tradição rural, tão vivas no subconsciente, calaram fundo no meu espírito.'

(*Pernambuco de A/Z*, <[http://www.pe-az.com.br/educacao/ascenso\\_ferreira.htm](http://www.pe-az.com.br/educacao/ascenso_ferreira.htm)>).

A revista possuía um grande requinte gráfico: Joaquim Cardozo, além de escrever, elaborou vinhetas sobre motivos regionais, um alfabeto cujas letras eram inspiradas em motivos nordestinos e o desenho de um dendezeiro que ilustrava a capa da obra.

O grupo, que habitualmente se encontrava no Café Continental, na Esquina Lafayette, do centro do Recife, não se limitava, porém, a tal lugar, lançando-se em excursões pela região da Zona da Mata, em que esperavam coletar outras fórmulas estéticas. Entre os integrantes do grupo estava Gilberto Freyre, que se tornou grande amigo de Alfonso Reyes: tamanho era o nível de intimidade entre eles que, conforme contou o sociólogo pernambucano em entrevista a Fred Ellison (ELLISON, 2002, p. 73), ambos costumavam se banhar “pelados” no Retiro dos Bandeirantes.

Outro grande amigo de Reyes, Ronald de Carvalho, considerado por ele como o amálgama entre os literatos brasileiros e estrangeiros, participou do 5º número de MONTERREY com o artigo intitulado “*Cobardía*” de Amado Nervo contra os traductores brasileiros, tema

proposto pelo mexicano, diante da ausência de textos escritos por brasileiros.

O poeta e diplomata mexicano Amado Nervo, segundo o próprio autor do artigo, era muito apreciado pela elite brasileira pelo seu tom profético e fatalista, sendo, junto a Rubén Darío, descrito como uma espécie de definição da poesia hispânica. Pouco antes da morte do famoso mexicano, realizou-se um concurso entre os poetas cariocas com o objetivo de traduzirem um de seus mais belos poemas, *Cobardia*; entretanto transpor a delicadeza de seus versos ao português foi para os participantes, como já diz o título do poema, uma covardia:

O original era tão fácil que destruiu o sabor das versões. Logo ao primeiro verso, *Pasó con su madre ¡qué rara belleza!* os nossos bardos estacaram apavorados. Como exprimir exatamente, e sem ridículo, este desesperador *Pasó con su madre?* As línguas, por vezes, têm preconceitos mais irremediáveis que os de todos os gramáticos. Em português do Brasil, nem um poeta lírico se animaria a escrever: *Passou com sua mãe*. [...] Que fizeram, para evitar o óbice, os nossos poetas? Corromperam, uns após outros, a simplicidade maravilhosa do mexicano, vertendo-lhe assim o verso: *Passou com a mãezinha / Passou com a mãe dela/ Passou com a mamãe*. E esse tão íntimo e gostoso, fluido e terno castelhano que reponta de *pasó con su madre*, se converteu num indestrutível corpo simples, para o qual ninguém, até hoje, foi capaz de encontrar, em português, uma fórmula de solubilidade. *Cobardia* é uma prova física de que os dois idiomas fundamentais da península se parecem tanto que não se equivalem. O teorema das paralelas tem, neste passo, a melhor demonstração.<sup>2</sup> (REYES, 1980, p. 143).

A questão da tradução sempre teve para Ronald e Reyes um grande interesse. A atividade era uma forma de

---

<sup>2</sup> A grafia do fragmento citado foi atualizada.

cooperação na busca por semelhanças e diferenças entre as duas culturas. Em *Aduana lingüística*, ensaio escrito em 1933, Reyes retoma com muita graça o artigo de Ronald de Carvalho, acrescentando que, mesmo sendo indiscutível a convergência de duas paralelas no infinito, existe a todo o momento uma troca de induções que alimenta e acaricia a ambas. Para ele, a língua portuguesa é ilustre, “*Ilustre por ser la expresión de una gran epopeya histórica que dejó sus huellas en todo el mundo conocido, [...] El que ama de veras la lengua castellana tiene que amar a la vez la lengua portuguesa*” (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. XIV, p. 166-167).

Alfonso Reyes ainda critica os hispanos defensores da tese de ser o português um “*castellano estropeado*” e os brasileiros que se gabam dizendo estar a língua portuguesa mais próxima ao latim, possuindo, por consequência, maior dignidade. Admite, no entanto, que as diferenças entre duas línguas próximas chocam mais do que em línguas distantes, e, com isso, faz uma bem-humorada digressão sobre as palavras, que sendo materialmente iguais, ao passar de um idioma ao outro, ganham significações inconfessáveis, podendo chegar ao estremeamento entre dois países, como o Brasil e o Panamá, visto se chamar um antigo presidente deste Belisario Porras y Porras.

A árdua tarefa de adquirir uma segunda língua como o português e a comparação deste com o espanhol são temas que divertem Alfonso Reyes, sempre considerado um excelente linguista. Seus textos não pretendem realizar uma investigação científica, satisfazendo-se dentro de um caráter popular, no qual almeja o mútuo entendimento entre hispano-americanos e brasileiros, como afirma em *Sobre la reforma de la ortografía portuguesa*:

La red invisible de la lengua —una lengua, sin embargo, tan cercana y tan parecida a la nuestra— ha resultado una telaraña de acero lo bastante resistente para contribuir con eficacia a mantener la unidad de este inmenso continente metido dentro de otro: la nación brasileña. Acabada ya la formación del pueblo, la primera evolución nacional, la red se afloja ahora lo bastante para volverse permeable. Permeable hasta cierto punto, claro está. (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. IX, p. 59).

A língua portuguesa é somente um dos encantos que Alfonso Reyes encontrou no Brasil. A natureza, a história, o povo e a cultura também foram foco de interesse para o embaixador. Reyes desejava inserir o país no complexo americano que tanto se esmerava em entender e definir. Tal preocupação ficou latente na seção LOS OJOS DE EUROPA, na qual comenta que o americano é produto da fusão de sentimentos confusos originados no fato de ser coadjuvante de uma civilização importada e de não conseguir unificar os múltiplos e diversos aspectos étnicos que o formam. Confessa também que essa busca do povo americano por uma definição da sua imagem se estava dando cada vez mais entre os escritores – uns exageravam no tom europeu, outros no indígena, enquanto a maioria preferia exaltar a miscigenação:

Algunos comienzan prematuramente a trazar jalones en un suelo ideal, valiéndose de medidas anticuadas que contrastan naturalmente con la novedad de la utopía: de aquí las definiciones provisionales del criollismo, del “autoctonismo”, y hasta las paradojas de los llamados “antropófagos” de San Pablo (Brasil). (REYES, 1980, p. 143).

Segundo Pedro Enríquez Ureña, quando um povo olha para o passado, cria a história, e, quando olha para o futuro, cria as utopias (ENRÍQUEZ UREÑA, 1998, p. 270).

Reyes não compreendia como padrões ultrapassados podiam conviver com o futuro, com a utopia; como um movimento que se considerava moderno se autodefinia de forma tão primitiva – Movimento Antropófago. Mesmo com as explicações de Oswald de Andrade, não conseguia desvincular a paradoxal ligação entre a modernidade e o canibalismo (ELLISON, 2002, p.89).

Ainda na seção LOS OJOS DE EUROPA, decide aguardar o momento adequado em que a América se sentirá pronta a se entender: *“Toda esa revolución de ingredientes que América tiene sometida al fuego del tiempo, de repente ha de soltar su hervor. Y eso será cuando haya de ser: ni después, ni antes.”* (REYES, 1980, p. 143). Mas, enquanto espera, aproveita o ensejo para pedir aos seus amigos europeus que lhe enviem a sua visão da América. O primeiro comentário é destinado ao Rio de Janeiro e foi retirado da obra *Positions et propositions*, “Nijinsky”, do embaixador e poeta francês Paul Claudel, traduzido por Alfonso Reyes (ibid., p. 144). Em poucas linhas, a cidade é exaltada como a única que não destruiu a natureza. O mar, a fauna e a geografia são admirados pela harmonia do conjunto e, principalmente, pela proximidade com que se encontram do homem.

A natureza do Rio de Janeiro também foi fonte inspiradora dos poemas e ensaios alfonsinos, como *Salutación al Brasil*, do qual falaremos mais tarde. No momento, passaremos a mais um texto que fez referência ao Brasil no número 5 de MONTERREY.

O artigo *Sobre la tumba de Graça Aranha* é a publicação do discurso que Alfonso Reyes fez ao amigo, na Fundação Graça Aranha, algumas semanas após sua morte, cujo propósito era realizar uma homenagem ao seu espírito

generoso e à sua liberdade de ideias. Em MONTERREY, o texto contorna uma foto doada por alguém identificado somente como Nicolas: Graça Aranha aparece de perfil, e, sobre seu ombro, pode-se perceber uma assinatura – Nicolas –, e o local – Rio (REYES, 1980, p. 145).

O grande velho, como era chamado, proferiu na Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, a conferência intitulada *A emoção estética na arte moderna*, iniciando-se, nessa época, uma fase agitada nos círculos literários do país. Graça Aranha era considerado um dos chefes do movimento renovador da literatura brasileira, principalmente após a leitura de seu texto *O Espírito Moderno*, em 1924, na Academia Brasileira de Letras, da qual foi um dos fundadores. Nesse momento, declarou frente a todos que a fundação da Academia tinha sido um equívoco.

Na instituição colocou-se à frente do grupo renovador, enfrentando o grupo tradicionalista, liderado por Coelho Neto. Ao ser recusado o projeto de renovação que elaborara para a Academia, desligou-se desta em 18 de outubro de 1924, evitando assim serem as suas atitudes e palavras tidas como incoerentes.

Foi em uma das homenagens prestadas a ele, que Alfonso Reyes exclamou entusiasmado: "*Presencíé una de las primeras manifestaciones del nacionalismo literario en el Brasil*" (REYES, apud ELLISON, 2002, p. 49).

Em seu discurso, *Sobre la tumba de Graça Aranha*, enfatizou a intenção do grande velho de se manter flexível frente às inquietudes da juventude brasileira, sem se amedrontar diante das mudanças trazidas por esta. Como Graça Aranha faleceu no dia 26 de janeiro de 1931, a cidade já ganhava novas cores e o povo se preparava para o

carnaval: “Y aquel desfile de locura y de gritos – que él mismo ha descrito en rasgos de fuego – cobró de pronto, para los que saben ver y entender, el aspecto de un inmenso rito dionisiaco, sobre la tumba del que no quería ser llorado.” (REYES, 1980, p. 145).

Sem dúvida, entre os literatos brasileiros de então, Reyes sentia uma admiração especial por Graça Aranha e seus discípulos, Renato Almeida e Ronald de Carvalho. O lado turbulento e agressivo do vanguardismo brasileiro, no qual se incluía o niilismo dos antropófagos, não o atraía.

Quando Alfonso Reyes chegou ao Brasil, a primeira fase do modernismo brasileiro se aproximava do fim; entretanto, por meio de suas observações, tentou estabelecer uma síntese do panorama literário. Num tom satírico, dividiu-o nas seguintes categorias: centro, centro-direita, centro-esquerda, extrema-esquerda e extrema-direita. Segundo ele, o centro seria um zero, algo nulo. A Academia Brasileira de Letras se localizaria no centro-direita: “[...] sitio para figurones políticos o para literatura atrasada aunque decente, tipo Gustavo Barroso, Afrânio Peixoto y Tristão da Cunha. Por equívoco, hay aquí, en la Academia, un poeta de interés: Guilherme de Almeida”. O centro-esquerda foi definido como “el grupo del Movimiento Brasileiro, revista decorosa de Renato Almeida. Aquí el simpático Ronald de Carvalho [...]”, e a extrema-esquerda se compunha por:

Oswaldo [sic] de Andrade y su grupo paulista de los antropófagos [...] Moral peligrosa, vidas arriesgadas [...] Grupo descamisado, brillante y estéril. Andrade me confesó que acaba de ponerse al servicio del comunismo de Moscú para ayudar a desarreglar el mundo y procurar así la ocasión de la vuelta a la antropofagia. (REYES, apud ELLISON, 2002, p. 46).

O tom irônico, presente em muitos dos seus escritos, como esse que vimos, torna-se ainda mais latente no artigo de abertura que escreveu para o número 7 de MONTERREY – *Paul Morand en Río* (REYES, 1980, p. 159-160).

O texto, capaz de levar qualquer leitor ao riso, é composto por três partes. Na primeira, descreve o antigo diplomata e escritor francês, além de ressaltar um pouco do roteiro turístico que este fizera pelo Rio de Janeiro. No meio da página, inclusive, há uma foto de Paul Morand, no alto da Independência, a caminho de Petrópolis.

A parte dois dá início a uma das duas aventuras que pretende contar: *“la campaña del Mangue”* e *“la campaña de Nichtheroy”*. Em uma visita ao bairro do Mangue, conhecido ponto de prostituição carioca, o mexicano e o francês decidiram caminhar pelas ruelas do lugar, *“mucho más extenso, pintoresco y amable”* do que o de outros países. Em meio à descrição da natureza que circulava o bairro, surgem palavras suaves, delicadas e até doces para caracterizar as profissionais do local. A tranquilidade do ambiente, no qual alguns homens ouviam um jogo de futebol entre o Brasil e o Uruguai e até algumas famílias passeavam com seus filhos, surpreendeu o embaixador, que chegou a declarar *“[...] que anda por ahí cierta castidad paradisíaca muy semejante a la virtud.”* Após terem percorrido o lugar durante a noite, decidiram retornar de dia, momento em que a ausência das luzes artificiais faz com que as máscaras caiam e a pobreza se revele. O passeio foi feito de carro, hábito raro nessa região, para que Morand pudesse, com sua potente máquina fotográfica, atravessar a penumbra das casas. Enquanto algumas mulheres se exibiam para a lente, outras fechavam as janelas entre gritos de protesto, *“Y lo que en*

*otra ciudad hubiera acabado entre pedreas y escapadas, aquí se desarrolló tranquilamente*". Não se pode negar que Alfonso Reyes demonstrou um carinho especial pelo Brasil, fazendo com que um bairro pobre, destinado à prostituição, ganhasse tons amenos. Na tela frente aos seus olhos, a simpatia do povo e as belezas naturais pareciam ser o primeiro plano.

A terceira parte é destinada à aventura vivida por ele, Paul Morand, o pintor Cícero Dias, o poeta Murilo Mendes e o guia deste. O escritor francês desejava conhecer a "macumba", forma genérica – exotizante e folclorizante – de definir os cultos sincréticos afro-brasileiros. Decidiram, então, ir a um terreiro localizado no alto de um morro, em um bairro desolado e atemorizante de Niterói. Alfonso Reyes tinha uma sensação crescente de que a noite não acabaria bem, fosse pelo acompanhante que, para sua infelicidade, *"era el único [negro] de su espécie que carecia de sentido musical"*, fosse por não localizar o lugar, ou por estar a ponto de perderem a última barca para o Rio. Os parágrafos do texto ganharam fins dramáticos, sem perder a comicidade: "Esto va mal", "Esto puede acabar muy mal", "Y esto, decididamente, se pone muy mal".

Contudo, após muita dificuldade e informações truncadas chegaram à casa onde se celebrava a "macumba". O olhar curioso do embaixador se detinha em todos os detalhes do rito, demonstrando a sua total falta de intimidade com a situação. Para encerrar a

cerimônia, foi preciso pedir que os caminhos se abrissem novamente e descarregar<sup>3</sup> os corpos.

Já na barca de volta ao Rio de Janeiro, acreditando ter passado pelo pior, Reyes e seus acompanhantes foram arremessados ao chão. O piloto adormecera e o barco chocara-se contra o cais. Para o francês os corpos não tinham sido devidamente descarregados. O embaixador, então, desabafou: *“Y así el único accidente que se conoce en el embarcadero de Nichtheroy había de tocarle a Paul Morand, de regreso de la macumba. ¿Por qué haber querido perturbar a los dioses?”* (REYES, 1980, p. 160). O comentário, ao mesmo tempo engraçado e respeitoso, contém o desconforto causado ao se deparar com o desconhecido.

Essa anedota, graças a MONTERREY, circulou por vários países da América e da Europa, revelando um pouco mais da idiossincrasia brasileira. Mas foi no Brasil que ela ganhou destaque. Os poetas e também jornalistas Manuel Bandeira e Mário de Andrade se encarregaram de propagar a aventura: o primeiro, satirizando-a, e o segundo, defendendo o ilustre visitante.

A curiosidade de Alfonso Reyes com relação ao Brasil não se detinha somente a aspectos culturais. Também queria conhecer mais sobre a sua literatura. Na seção GUARDIAS DE LA PLUMA – EL ASEO DE AMÉRICA, como foi dito no capítulo anterior, propôs a criação da Biblioteca Mínima Representativa de cada país latino-americano, para que a Europa pudesse conhecer melhor as obras feitas na América, além de fazer com que os países desta se conhecessem. Segundo seu ponto de vista,

---

<sup>3</sup> Termo utilizado no rito para definir a eliminação das energias negativas acumuladas nos corpos das pessoas.

o que impedia os escritores europeus de entrar em contato com essas obras eram justamente os livros. Embora pareça contraditório, o excesso de obras impedia que um estrangeiro tivesse ideia de quais eram realmente relevantes, ou seja, os grandes clássicos, e quais eram de menor qualidade. Caso não se fizesse essa delimitação nos próprios países envolvidos, corria-se o grande risco de que esta fosse feita pelos estrangeiros, cujo desconhecimento podia levar a uma seleção inadequada.

Conta Reyes:

Estas y otras ideas parecidas me andaban por la mente – amigo Afrânio Peixoto – cuando, juntos, conversábamos sobre ese apremio en que nos ponían todos los escritores europeos que han estado pasando últimamente por Río de Janeiro y que invariablemente nos preguntaban: “¿Cuáles son los seis, diez libros esenciales que debo leer sobre el Brasil?” En efecto ¿dónde encontrar, en su mejor expresión, el sabor de nuestro pensamiento y el espectáculo de nuestra historia? (REYES, 1980, p. 161).

Os grandes clássicos escolhidos formariam a Biblioteca Mínima de cada país, a qual poderia ser consultada nos consulados, embaixadas, bibliotecas públicas dos países estrangeiros e nas escolas das nações amigas. No entanto a ideia não era de fácil realização, e, para tal empreendimento, solicitou a ajuda dos intelectuais latino-americanos que o liam em MONTERREY. O pedido alfonsino foi reproduzido na revista argentina *La vida literaria*; nas cubanas *Cervantes*, *Social* e *Revista Bimestre Cubana*; na mexicana *El universal ilustrado*; e na uruguaia *El ideal*. No entanto nos números subsequentes do correio literário, somente se encontra uma lista enviada por oito escritores cubanos (REYES, 1980, p. 187).

A formação da Biblioteca Mínima Representativa seria para Reyes uma prova de que a América Latina reconhece seu direito à cidadania universal, já conquistado por ela através dos anos, deixando de ser uma sucursal do mundo, como afirma em *Notas sobre la inteligencia americana*: “Hemos alcanzado la mayoría de edad. Muy pronto os habituaréis [os pensadores internacionais] a contar con nosotros.” (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. XI, p. 90).

Enquanto seus projetos não se concretizavam, Alfonso Reyes continuava sua imersão na efervescente vida cultural carioca. Atento aos últimos acontecimentos, publicou na primeira página do número 8 de MONTERREY, completamente desconectada do artigo que a circulava, uma obra do pintor Tsugouharu Foujita.

Foujita, japonês de origem, trasladou-se a Paris com o intuito de estudar a pintura ocidental. Lá fez parte de um movimento artístico de entreguerra, conhecido como Escola de Paris, da qual também participara Vicente do Rego Monteiro.

A notoriedade alcançada por sua obra com o tempo despertou o interesse do imposto de renda, que lhe exigia o pagamento de uma alta quantia em um prazo mínimo. Como fuga, iniciou um longo período de viagens pelo mundo, em busca de exposições nas quais pudesse arrecadar algum dinheiro, sendo seu roteiro composto por Japão, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Cuba, Peru, Bolívia e México.

Desembarcou no Rio de Janeiro em novembro de 1931, onde foi recepcionado pelo seu amigo Candido Portinari. Em sua estada de dois a três meses, criou e mostrou algumas de suas obras, no mesmo Palace Hotel em que Rego Monteiro tinha organizado uma exposição

de vários artistas franceses e, inclusive, de alguns de seus próprios quadros (REYES, 1980, p. 101). Ao contrário da mostra de Arte Moderna Francesa realizada pelo pintor pernambucano, a exposição de Foujita foi amplamente noticiada e visitada.

Entre alguns trabalhos já prontos, constavam outros realizados no Brasil, como a obra *La macumba* (anexo 9), escolhida por Alfonso Reyes para ilustrar seu correio literário (REYES, 1980, p. 167). Em pouco tempo, o pintor japonês interagiu avidamente com a intelectualidade carioca, expressando em várias pinturas e caricaturas a cordialidade e a alegria vivenciadas na boêmia da cidade (anexo 10). A presença de uma obra de Foujita referente ao seu recente período no Brasil, nas páginas de MONTERREY, demonstra o quanto o correio literário de Alfonso Reyes se mantinha atento aos acontecimentos ligados à vida cultural do país, principalmente do Rio de Janeiro, permitindo, assim, que seus leitores pudessem estabelecer um maior contato com o Brasil, muito pouco divulgado entre os hispano-americanos até então.

Se o Brasil, entretanto, era pouco conhecido na América Hispânica, a recíproca também era verdadeira. Essa questão foi levantada na carta endereçada a Alfonso Reyes, em abril de 1931, publicada na seção EPISTOLÁRIO do número 8 de MONTERREY, enviada por Prudente de Moraes Neto, crítico literário e co-diretor de revistas literárias da época.

Após o subtítulo dado por Reyes – *La inconexión de América*, pelo qual se percebe a concordância deste frente ao assunto a ser abordado, inicia-se o texto de Prudente de Moraes Neto, em que o crítico assume ter descoberto o nome do mexicano por meio de revistas europeias. Com

esse fato, quer ressaltar a dificuldade encontrada pelos leitores brasileiros para entrar em contato com escritores hispano-americanos, cuja obra somente chegava às terras brasileiras após terem obtido êxito na Europa, o que tornava esse continente uma espécie de intermediário.

A carta continua após outro subtítulo dado por Reyes – *Espacio y tiempo en el alma americana*. Prudente acredita que se o escritor não pode negar a sua procedência europeia, tampouco pode abandonar as suas ligações com a terra e o meio social, com o qual a cultura se vincula. Seguindo esse pensamento, afirma considerar “incontestável que as nossas ligações com a Europa se acentuam no plano do temporal, enquanto que com a América elas processam no espaço. História e geografia. Tradição e realidade.” (REYES, 1980, p. 169). Para muitos latino-americanos, a Europa continuava sendo a imagem da realidade, visualizando a América com os olhos de um viajante. O Continente distante lhes seria mais familiar que os países fronteiriços. Dessa atitude distanciada, derivava o exotismo presente na obra de muitos escritores, o mesmo exotismo tão bem recebido pelo público europeu.

Ao finalizar, Prudente de Moraes Neto, explica:

O que desejamos é a coexistência, num só indivíduo, de um espírito crítico à altura dos melhores da Europa – o que constituiria uma reminiscência da cultura clássica acentuando-a ao lado latino da nossa civilização – e de uma extrema sensibilidade poética, em cuja origem se visse um reflexo de espanto que ainda nos causa a nossa própria terra, o nosso modo natural de reagir diante do meio físico.” (REYES, 1980, p. 169).

O desejo de Prudente de Moraes Neto de localizar essas qualidades em um único indivíduo pode ser uma referência indireta ao grande escritor e humanista Alfonso Reyes, que, por seus artigos relacionados à América, tornou-se uma espécie de porta-estandarte do pensamento americanista, fomentando a proximidade entre hispano-americanos e brasileiros.

Em 1941, Alfonso Reyes retomou a questão da falta de comunicação entre os países da América Latina, e, ao ler o texto publicado no jornal *El Nacional*, do México, intitulado *El diálogo de América*, Prudente se identificaria com as palavras alfonsinas:

Las quejas sobre la incomunicación de América pueden llenar libros; los libros, llenar bibliotecas. [...] Una es la incomunicación material; otra, la espiritual. Y aunque las cosas hayan mejorado en tanto, justo es declarar que el mayor esfuerzo se debe, no a los llamados hombres prácticos, sino a los llamados teóricos. [...] las escasas conquistas logradas en el orden político y en el comercial no admiten siquiera comparación con las conquistas – aunque todavía modestas – alcanzadas en el orden teórico por las clases intelectuales de América. El mutuo conocimiento entre nuestros pueblos ha sido fomentado, sobre todo, por los poetas, únicos capaces de expresar y confrontar los fenómenos de la sensibilidad nacional. [...] el ya manifiesto interés de lectores y escritores, tan desarrollado en los últimos años entre unas y otras repúblicas, ése sí que entra en lo profundo de las conciencias, ése sí que crea verdaderos lazos inquebrantables. (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. IX, p.230-232).

Os dez anos que separam a carta de Prudente de Moraes Neto e o artigo de Alfonso Reyes parecem refletir algumas mudanças com relação ao contato estabelecido entre os países. Havia um esforço sendo feito, principalmente pelos intelectuais, cuja curiosidade,

demonstrada por escritores e leitores (como Prudente o fez), tinha mais capacidade de estreitar os laços internacionais do que os acordos políticos e comerciais. Os olhares começavam a se cruzar sobre as fronteiras e as diferenças entre os povos esmaeciam por meio de poder das palavras.

A carta de Prudente de Moraes Neto, subdividida por Alfonso Reyes em duas partes, é seguida por outra, de Ribeiro Couto, poeta, romancista e diplomata, então residente em Marselha, na França, que como Reyes, não deixava de pensar em sua terra ao estar em outras. Manuel Bandeira lhe enviara os três primeiros números de MONTERREY, cujo conteúdo apreciara imensamente. Escreveu, então, em março de 1931, extensa carta a Reyes, declarando sua admiração pelo mexicano: “[...] se há hoje meia dúzia de homens célebres, cavaleiros da cultura latino-americana, V. é naturalmente um deles.” (COUTO, apud ELLISON, 2002, p. 94).

Alfonso Reyes deve ter-se sentido muito lisonjeado frente aos comentários elogiosos feitos a MONTERREY e ao perceber que a maior parte do texto se destinava ao seu assunto favorito – o americanismo. Um longo fragmento deste foi publicado após o subtítulo do terceiro tópico da já mencionada seção EPISTOLARIO, intitulado *El Hombre Cordial, producto americano*. A modéstia de Reyes foi a causadora de uma modificação feita na escrita de Ribeiro Couto, em que se referia a “o seu americanismo, Alfonso Reyes”. O mexicano suprimiu do texto o próprio nome e o pronome “seu”, alterando o trecho para “o verdadeiro americanismo” (ELLISON, 2002, p. 94):

O verdadeiro americanismo repele a idéia de um indianismo, de um purismo étnico local, de um primitivismo, mas chama a

contribuição das raças primitivas ao homem ibérico; de modo que o homem ibérico puro seria um erro (classicismo) tão grande como o primitivismo puro (incultura, desconhecimento da marcha do espírito humano em outras idades e outros continentes). É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o “sentido americano” (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o Homem Cordial. Nossa América, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial. (REYES, 1980, p. 169).

Devido a um tom muito pessoal, Alfonso Reyes não publicou o final da carta, no qual Couto pretendia definir a alma latino-americana:

Escrever-lhe-ia eu se, em vez de mexicano, V. fosse um *yankee*? Teria eu a espontânea coragem do gesto de lhe mandar dizer coisas assim (recantos íntimos de minha alma americana) se V. não fosse *da mesma Família*? Conclusão: a alma latino-americana, ou ibero-americana, ou como queira classificá-la, *existe*, caracteriza-se por um certo número de gestos e possibilidades sentimentais peculiares ao homem ibero-americano. (COUTO, apud ELLISON, 2002, p. 95).

Ao relembrar uma homenagem prestada por Reyes na Espanha à memória do poeta francês Stéphane Mallarmé, Couto admite ter pensado que o mexicano “provou a existência do homem ibero-americano para sempre [...] um homem novo, o homem gratuito, capaz de agir e de sofrer por amor de imagens e ritmos, em suma o Homem Cordial.” (ibid.).

A noção de “homem cordial” foi retomada pelo sociólogo e crítico literário Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil* (1936). O termo, que para Couto remetia à especificidade latino-americana, representada pela figura do mexicano Alfonso Reyes,

passa a significar a lhaneza no trato, a generosidade e a hospitalidade inerente ao povo brasileiro. O sentido, agora desvirtuado, caracteriza para o crítico brasileiro um conceito de identidade nacional. Claro fica que a relação entre sociabilidade e miscigenação estabelecida por Ribeiro Couto está muito mais próxima do pensamento de sociólogo Gilberto Freyre, desenvolvido, principalmente, em suas obras *Casa grande & senzala* (1933) e *Sobrados e mucambos* (1936).

A carta publicada em MONTERREY é estudada por professores e pesquisadores até os dias de hoje; entretanto devido às alterações e fragmentações feitas pela modéstia de Alfonso Reyes, muitos desconhecem o fato da expressão criada por Ribeiro Couto ter sido dedicada ao mexicano.

Alfonso Reyes, nos sete anos que passou no Brasil, deu continuidade a uma de suas investigações recorrentes: constatar até que ponto os grandes nomes da literatura universal se interessavam e conheciam a América Latina e o quanto estavam presentes na cultura latino-americana, moldes sob os quais foram criadas em MONTERREY as seções GOETHE Y AMÉRICA e VIRGILIO Y AMÉRICA.

Na primeira página do número 9, as conexões que Reyes estabeleceu entre o escritor alemão e a América se concentraram, na sua grande maioria, na curiosidade deste com relação ao Brasil. Reyes, inclusive, vangloriou-se de ter descoberto, em livros de diversas nacionalidades, informações que escaparam aos olhos de Roquette Pinto, João Ribeiro e demais brasileiros, visto serem eles pesquisadores da presença brasileira nos escritos de e sobre Goethe. Os dados destacados por Alfonso Reyes enfocaram, principalmente, questões sobre plantas e minerais brasileiros.

Na seção VIRGILIO Y AMÉRICA do número 10, Reyes relata, a seu ver, uma curiosidade a respeito de um fragmento da *Eneida* de Virgílio. Nele encontra-se uma descrição que se assemelha de forma impressionante ao escudo do México, inspirado em remotas tradições indígenas:

Y como cuando el águila fulva se remonta, llevando presa una serpiente en la que clava sus garras, ésta, herida, se repliega y enrosca en espirales, eriza sus escamas y silba, alzando la cabeza, y no por eso la atenaza menos el águila con su corvo pico, a la vez que azota los aires con las alas, – no de otro modo el triunfante Tarcon arrebató su presa a los batalladores tiburtinos. (REYES, 1980, p. 183).

Os animais empregados nessa simbologia são muito utilizados pela heráldica. Alfonso Reyes lembra ter visto no jardim do que pensava ser o jardim da Prefeitura de Petrópolis, cidade serrana do Rio de Janeiro, uma escultura inspirada no mesmo tema. O edifício, também conhecido como Palácio Amarelo, foi construído em 1850 e teve como proprietário José Carlos Mayrink da Silva Ferrão e o Barão de Guaraciaba. Em 1894, foi adquirido pela Câmara do Município, confundida por Reyes com a prefeitura da cidade. Para melhor ilustrar a semelhança, publicou um pequeno desenho do escudo e uma foto da escultura (REYES, 1980, p. 183).

O escudo nacional do México (anexo 11), encontrado também no centro da bandeira do país, representa um antigo símbolo do povo asteca, conformado por uma águia real que devora uma serpente sobre um nopal (cacto conhecido no Brasil como mandacaru ou palmatória) no centro de um lago. Essa imagem significava o sinal que os

astecas buscavam, em sua migração ao sul, para fundar uma nova cidade, Tenochtitlan.

Existem várias interpretações para tal representação: uma delas pode ser a caracterização pictórica do nome da capital asteca, e outra, uma das crenças cosmológicas de sua cultura. A imagem mostra a águia real devorando a serpente, cuja significação remete ao triunfo do Sol sobre a Terra, ou seja, o ciclo diário formado pelo dia e pela noite. A água representa a Lua e o nascimento do deus Huitzilopochtli. O nopal em que a águia está apoiada possui bagas, conhecidas como tunas, representação do coração humano. A simbologia final baseia-se no sacrifício humano, feito pela entrega do coração como oferenda, para assim garantir o dom de um novo dia.

Embora o escudo do México seja um símbolo asteca, em praticamente nada difere da escultura petropolitana e do fragmento da obra de Virgílio. Todos eles são representações metafóricas de práticas, crenças, instituições ou valores expressados por várias culturas, embora estas sejam diferentes entre si.

A referência aos astecas continua no número 13, mesmo que de uma forma indireta. Na seção ESTAFETA, Alfonso Reyes publica sua carta a Campos Porto, diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, seu lugar favorito na cidade (REYES, 1980, p. 219-221). Como Alfonso Reyes sabia que a sua estada no Brasil estava próxima do fim, posto que assumiria em breve o cargo de embaixador do México em Buenos Aires, o texto ganha um tom de despedida e manifesta seu agradecimento pela hospitalidade recebida. Da mesma forma que o Jardim Botânico acolheu em seus domínios um jardim inspirado na vegetação nativa do México, Reyes sentiu-se acolhido entre os brasileiros. A

hospitalidade do latino-americano enaltecida por Ribeiro Couto em seu *Homem Cordial* agora é dedicada nas palavras alfonsinas à amabilidade do povo brasileiro:

Siempre manifestasteis, Señor Director, el mayor interés por las cosas de la naturaleza mexicana. Fundasteis una colección de cactus mexicanos que no creo tenga igual en el mundo. Lograsteis con ella, no sólo un positivo enriquecimiento científico, sino también un milagro de la sensibilidad: transportar hasta Río de Janeiro algunos aspectos de nuestro paisaje del altiplano; al punto que yo, en mis paseos por esa región, me olvido a veces de que ando lejos de mi patria, siento que estoy en México sin dejar de estar en el Brasil, y me digo a mí mismo que, en esta tierra de la bondad y la cortesía, no sólo la voluntad, no sólo el corazón, sino también la ciencia y el pensamiento encuentran el modo de ser hospitalarios. (REYES, 1980, p. 219-221).

Com a intenção de aumentar a variedade de espécimes do jardim mexicano, Reyes ofereceu algumas sementes de um cacto chamado *peyolt* ou *peyote*, considerado pelos índios tarahumaras como uma planta mágica. Porém esse não foi o único presente: antes de partir, doou, em nome do Governo do México, uma estátua do deus Xochipilli, divindade asteca, trabalhada em pó de pedra e cimento, simbolizando o deus do amor, das flores, da voluptuosidade, do jogo, da música, da fertilidade e da procriação. É também o deus do prazer, do pecado e da dança. Seu nome significa cinco flores e a flor é o seu símbolo. Está localizado até os dias de hoje na Aléia Guilherme Guinle, ao lado do Jardim Mexicano (anexo 12). Segundo Reyes, Xochipilli encontra-se em seu “*recinto natural*”, simbolizando “*las simpatías entre México y el Brasil*”. (REYES, 1980, p. 221). Alfonso Reyes ainda acrescentou que,

a partir daquele momento, a estátua de Cuauhtémoc, na Praia do Flamengo, não mais se sentiria sozinha.

A réplica em bronze da estátua do último imperador asteca, Cuauhtémoc, assassinado pelos invasores espanhóis, foi realizada pelo artista Carlos Obregón Santacília (anexo 13). O presente do Governo mexicano em comemoração ao aniversário da Independência brasileira foi inaugurado em 16 de setembro de 1922, data nacional mexicana. Uma Embaixada Extraordinária, presidida por José Vasconcelos, apresentou-se numa época em que o México e Brasil não mantinham relações. O *Discurso de Cuauhtémoc*, de Vasconcelos, proclamava o heroísmo do imperador asteca como um símbolo da luta que o povo mexicano, junto aos latino-americanos, travavam contra as múltiplas formas de opressão.

Epitácio da Silva Pessoa, Presidente do Brasil, em resposta ao discurso do mexicano, afirmou:

Senhor Embaixador, se algum dia o Cuauhtémoc do Rio de Janeiro tivesse que cruzar mares, suas confidências ao outro que há tantos anos adorna a Cidade das Chinampas, posso assegurar que, a não ser pela saudade infinita e inextinguível da Pátria distante, não serão de tristeza e de desilusão as impressões transmitidas; pelo contrário, ele lhe dirá que aqui vive também em meio a um povo liberal, irmão de vosso povo pelas instituições, pelas tradições e pelos ideais, pela inteligência e pelo coração. (*Relações México-Brasil*, <[http://www.mexico.org.br/relacoes\\_b\\_m/2a1.htm](http://www.mexico.org.br/relacoes_b_m/2a1.htm)>).

Contudo a estátua de Cuauhtémoc não foi a primeira prova da amizade trocada entre o México e o Brasil. Na seção CUADERNO DE APUNTES, Alfonso Reyes publica dois textos: *Maximiliano descubre el colibrí* e *La amapola silvestre, símbolo de la amistad entre México y el Brasil*. No primeiro,

conta a viagem do arquiduque Maximiliano de Áustria – espírito aventureiro e de curiosidade naturalista – pelo Brasil. O artigo concentra-se, principalmente, no momento em que Maximiliano se depara com algo, até então, desconhecido para ele. Seu relato é longamente transcrito por Alfonso Reyes, sem interferir, assim, nas emoções do viajante:

Yo caminaba al frente del grupo, entre dos muros de follaje. De pronto, alguna cosa cruzó frente a mí, rápida como el pensamiento. Mis sentidos iban tan alerta que no se me escapaba nada, ni un movimiento, ni un ruido. [...] Era una incesante, un zumbido, una oscilación mil veces repetida. Se diría un pensamiento atrapado al vuelo y encerrado en una palpitación de alas, flotante y suspensa en el espacio. (REYES, 1980, p. 222).

Maximiliano transbordou delicadeza ao falar da ave nunca vista por ele; entretanto não foi tão amável ao referir-se ao Brasil. Depois de transcrever as críticas deste à inspiração poética dos brasileiros, à vegetação local e até mesmo à língua portuguesa, Reyes, entre parênteses, manifesta o seu desacordo:

No me engañaba, no: mis ojos lo habían presentido y reconocido. Arrobadado y estático, me encontraba yo en presencia del primer colibrí que me fue dado ver en mi vida. Hélo ahí, por fin, aquel pájaro que los brasileiros, con poética inspiración que no siempre alcanzan, llaman *beija-flor* (besa-flor). [...] Más bien se lo tomaría por una joya del paraíso, por casualidad abandonada entre los bosques feraces del Brasil. [...] Aun el espeso portugués ha encontrado un nombre encantador para este portento, logrando por una vez elevarse hasta la concepción de un mito poético: considera, en efecto, a los *beija-flores* como las almas de los niños difuntos. Aun esta ruda nación ha querido ver el colibrí un ente superior que no tiene nada de terrestre. (*Sobre la capacidad lírica y*

*mitológica del portugués, MAXIMILIANO andaba errado de polo a polo).* (ibid., p.222-223).

A inserção da crítica feita ao arquiduque não surpreende, pois o embaixador já demonstrara, em diversas ocasiões, ter aprendido a respeitar e amar o Brasil. Maximiliano continua a minuciosa descrição do minúsculo pássaro, encerrando o texto com uma observação que mais parecia um presságio:

Era un colibrí-esmeralda, su garganta y pecho tenían el brillo de aquella piedra fina; su vientre era blanco; su lomo, de un tono sombrío. [...] Me pareció de muy buen augurio haberlo encontrado en mi primer contacto con el Brasil, porque este pájaro no es tan común como no lo figuramos en Europa. (ibid., p. 223).

Encontrar um beija-flor esmeralda não era fácil e continua não sendo, pois, atualmente, essa espécie corre risco de extinção. Nas páginas de MONTERREY (ibid., p. 222), entretanto, está imortalizado numa bela ilustração de Candido Portinari (anexo 14).

Terminando a parte inicial da seção CUADERNO DE APUNTES, temos a primeira demonstração fraternal entre mexicanos e brasileiros – *La amapola silvestre, símbolo de la amistad entre México y el Brasil*. Nesse artigo, Reyes relata o caso ocorrido com o Dr. Duarte da Ponte Ribeiro, primeiro representante diplomático brasileiro a estar no México, que, depois de ter passado por várias enfermidades, estando em Valparaíso, Chile, adquiriu cólera-morbo. Em 1933, ele foi ao México para encarregar-se dos negócios do Império do Brasil naquele país. Curiosamente, alguns meses após a sua chegada, o Ministro de Negócios Estrangeiros do Império, Aureliano

de Souza e Oliveira Coutinho, enviou-lhe uma carta referindo-se à doença que aquele havia tido. O Ministro solicitava que fosse enviado ao Brasil um exemplar da flor conhecida em português como papoula silvestre, pois as suas substâncias haviam apresentado excelentes resultados no tratamento do cólera-morbo.

Alfonso Reyes, em suas investigações pelo Itamaraty, não conseguiu descobrir se a incumbência fora cumprida, mas a falta de informações sobre o desfecho da questão não o impediu de declarar que a papoula silvestre foi o primeiro símbolo de amizade estabelecido entre mexicanos e brasileiros. Em seu comentário, também destacou a importância do Instituto Oswaldo Cruz, criado em 1900, como uma iniciativa pioneira no país para a produção de vacinas:

Es así nuestra amapola silvestre la primera flor de amistad cambiada entre México y el Brasil. Hoy el Brasil nos corresponde con las excelentes vacunas del Instituto Oswaldo Cruz, cuartel general contra las dolencias tropicales. (REYES, 1980, p. 223).

No número 13 de MONTERREY, encontra-se a maior quantidade de artigos referentes ao Brasil. Os longos textos, nos quais se exaltaram diversas qualidades relacionadas ao país e ao seu povo, foram uma espécie de homenagem no momento da despedida, pois este foi o último número publicado em terras brasileiras.

Ainda no mesmo número, na seção INVESTIGACIONES, constam algumas notas de dois brasileiros que pretendiam ajudar na compilação dos espirros literários enumerados por Reyes e outros leitores em números anteriores. Enquanto Gustavo Barroso ofereceu três fragmentos de obras diversas, Afrânio

Peixoto citou uma em que alude à origem do hábito de “salvar” a quem espirra e contou uma curiosidade de sua terra com relação ao tema, confessando, porém, com bom humor que “Isto é apenas pretexto de escrever-lhe sem ou com espirro.” (REYES, 1980, p. 226).

As curiosidades relativas ao Brasil também estão presentes no último número de MONTERREY, em um artigo intitulado *Americanería andante* (REYES, 1980, p. 235-237). Nele, Alfonso Reyes destacou alguns mexicanos que andaram pelo mundo, como a freira que ensinou as primeiras letras à filha de Getúlio Vargas, suscitando nesta um forte sentimento de simpatia pelo México, e o Coronel Manuel Ismael Zevada, que, segundo o Ministro Afrânio de Mello Franco contou a Reyes, fôra o inventor do jogo do bicho, do qual o Barão de Drummond se tornou executor. Reyes esclarece, em seu texto, vários detalhes do jogo, que propiciou “*uno de los capítulos más pintorescos en los anales policíacos del Brasil*” (ibid., p. 236).

Das doze páginas do último número deste correio literário, praticamente cinco foram destinadas à seção PUBLICACIONES RECIBIDAS, e, entre os muitos autores brasileiros presentes, estão Ronald de Carvalho, Tristão de Athayde, Sylvio Julio, Graça Aranha, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Cecília Meireles, Renato Almeida, Jorge de Lima, Jorge Amado, José Lins do Rego, Ribeiro Couto e Gilberto Freyre.

O volume cada vez maior de obras recebidas por Alfonso Reyes não lhe permitia a leitura completa das mesmas, pois ele não desejava se concentrar somente em textos literários, conquanto sua curiosidade pelo Brasil fazia-no interessado em muitos dos seus aspectos, para, assim, poder encontrar mais pontos de contato entre

hispano-americanos e brasileiros. As informações obtidas serviram-lhe para estabelecer pontes entre esses, atuando, dessa forma, como mediador, e forneceram-lhe inspiração para escrever poemas, contos e ensaios sobre o país.

Em MONTERREY, o Brasil foi revelado sob vários prismas. Pelo olhar atento de Alfonso Reyes e pela participação de alguns dos seus amigos brasileiros, foi possível expor aos leitores deste correio literário, em sua maioria hispano-americanos, uma parcela significativa da alma brasileira, configurada numa mescla de vida cultural, de natureza local e de povo de um país por eles tão desconhecido.

Ao avaliar a relação que o ilustre mexicano manteve com o Brasil, dar-nos-emos conta da intensa carga emocional estabelecida, visto que em seus comentários, excetuando-se pouquíssimos casos, a abordagem foi sempre positiva, e – por que não dizer? – até mesmo carinhosa. Em *Salutación al Brasil*, escrito no México em 1942, o então ex-embaixador enviou sua mensagem de gratidão:

Sobre los encantos de aquella tierra se habrán escrito bibliotecas; y cada viajero, desde el puente del barco, habrá colgado al pasar el ex-voto de su admiración en la verdadera catedral geológica del Pan de Azúcar, nimbada la cumbre en juegos de nube y sol y atronada abajo por la artillería de las olas. Pero ¡qué decir del alma brasileña, donde residen sin duda encantos no menos asombrosos! [...] ¡Qué decir del pueblo que sabe ser fuerte sin crueldades; ser digno sin perder la llaneza; que concierta la firmeza con la sonrisa, la dulzura con la valentía; la cultura cosmopolita con el culto del color local y de los sabores vernáculos; que concibe la patria dentro de las armonías internacionales! [...] ¡Oh, vayan a nuestros hermanos del Brasil, distantes y cercanos – pueblo que es conservatorio de cordura y de cortesía, pueblo que nos reconcilia con la humana especie, en esta hora de pesadilla –, las palabras de un mexicano que tuvo

la suerte de quemar, en su cálida frecuentación, algunos años de su vida! (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. IX, p. 184-186).

Se o Brasil deixou marcas em Alfonso Reyes, este, sem dúvida, também as deixou naqueles que o conheceram. Alguns escritores, como Ribeiro Couto e Prudente de Moraes Neto, acreditaram que o escritor mexicano podia orientá-los no campo da cultura humanística. No artigo intitulado *Crônica literária*, publicado na revista católica *A Ordem* (agosto de 1931), Prudente confere a Reyes um papel de líder cultural:

Devemos, pois, receber não só como uma especial homenagem, mas como uma fortuna o ato pelo qual o governo mexicano nos proporcionou o convívio com um homem como o sr. Alfonso Reyes, que é um dos grandes valores espirituais deste continente e deste tempo. Ele será, tudo indica, o introdutor do pensamento brasileiro no comércio internacional e por certo nos ajudará na revelação do nosso próprio retrato. Reúne, para isso, todas as qualidades, pois por um lado, através de seu lúcido espírito crítico, as diversas manifestações ponderáveis do nosso pensamento e da nossa sensibilidade alcançarão as de todos os grandes centros universais de cultura; e por outro, ainda que, fiel à regra que anunciei acima, ele venha prosseguir entre nós o exame dos problemas que julga importantes e a que se dedica, para mais feliz das coincidências, acontece que esses problemas são também os nossos. (MORAES NETO, apud ELLISON, 2002, p. 101).

Alfonso Reyes não se manifestou muito a respeito da literatura brasileira, seja pela falta de tempo que seu cargo diplomático lhe impunha, seja por sua vontade de conhecer o Brasil sob vários aspectos; contudo sua figura foi uma espécie de espelho em que muitos brasileiros passaram a se visualizar melhor.

Infelizmente, com o passar do tempo, a memória do país que o acolheu por sete anos guardou poucas referências do humanista mexicano. Disse Aurélio Buarque de Holanda, em 1960, que “o Brasil não prestou à sua memória as homenagens a que tinha direito o grande escritor” (HOLANDA, apud *ibid.*, p. 263). Parece que tinha razão.



## CONCLUSÃO

O ato de pensar a América era uma constante para Alfonso Reyes, mas o que seria a América a seu ver? Quando o mexicano se referia tanto ao Continente quanto aos americanos, esses não se encontravam delimitados por uma geografia física, e sim, por uma geografia utópica, que esboçava os desejos de uma sociedade em busca da perfeição. Contudo, a referência ao Continente somente se estende ao âmbito latino – aos herdeiros dos hispanos e dos lusos –, não incorporando, assim, o orbe saxão.

Muitos foram os ensaios em que expôs suas reflexões acerca do Continente, como *El diálogo de América*, *El presagio de América*, *Posición de América*, *El destino de América*, *Notas sobre la inteligencia americana*, entre outros. Neste último, Reyes esclarece que não seria apropriado referir-se à civilização americana por este matiz encaminhar a estudos arqueológicos; tampouco seria correto falar de cultura americana, pois a reflexão poderia levar a crer que esta é um fruto da europeia, embora em terras novas. Sugere, então, que se adote a expressão “*inteligencia americana*”, o que para os americanos seria “*su visión de la vida y su acción en la vida*” (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. XI, p. 82).

A inteligência americana baseia-se na síntese cultural de seu povo; no contato com a inquietude social de sua época, sendo, assim, um membro participativo dos

acontecimentos; na sua visão internacionalista, a qual o impele a buscar fora de si as razões de suas ações e de sua cultura; e no seu desejo utópico de oferecer ao mundo uma nova contribuição, um ponto de partida inédito.

Entretanto esse anseio pode gerar uma imagem de autoctonia que beira o exótico. Já quando bem empregado, pode corrigir um “anacronismo sentimental” comum em alguns escritores:

En el mundo de nuestras letras, un anacronismo sentimental dominaba la gente media. [...] encima de las desgracias de ser humano y ser moderno, la muy específica de ser americano. Es decir nacido y arraigado en un suelo que no era el foco actual de la civilización, sino una sucursal del mundo. (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. XI, p. 89).

Este estudo sobre a inteligência americana idealizada por Alfonso Reyes merece ter continuidade, mas, por agora, é possível afirmar que Alfonso Reyes, ao pensar a América em sua representação não figurativa, contrapunha a esta a sua visão do Velho Mundo, extraíndo, por contraste, a essência americana, valendo-se da heterogeneidade como um formador do espírito do Continente.

Tais pensamentos corroboraram o conteúdo de MONTERREY. Essa publicação, além de divulgar aspectos da cultura e da literatura mexicanas entre os brasileiros, pôde tornar públicas as próprias preocupações intelectuais e literárias do embaixador-escritor com relação ao Continente. Em MONTERREY, os temas mexicanos faziam-se acompanhar pela análise de questões referentes não só à América Latina como a temas e autores relacionados à literatura ocidental.

Com relação ao Brasil, muito se revelou aos leitores hispano-americanos e europeus. Nos artigos e cartas presentes em MONTERREY pôde-se conhecer um pouco da cultura, da natureza e do povo brasileiro, embora não tenha havido muitas menções à literatura brasileira.

Alfonso Reyes considerava que, para se falar de literatura, era necessário ter muita cautela. Em *A vuelta de correo*, réplica à crítica do jornalista mexicano Héctor Pérez Martínez, que o censurara por se dedicar ao seu correio literário em vez de concentrar-se na literatura mexicana contemporânea, Reyes explicou seu ponto de vista, aplicável em sua totalidade à literatura brasileira como a qualquer outra:

Finalmente, erigirse en censor y maestro de la literatura que lleva la voz cantante – como se me exige con impaciencia – es tarea muy delicada y seria para que nadie la improvise. Es preciso, antes, haber revisado a conciencia una tradición nacional y haber meditado detenidamente en sus consecuencias; haber adquirido mucha experiencia de libros, de pueblos y de hombres; haber realizado una honda obra de cimentación y contar, además, con cierta aquiescencia previa del público, a que hemos de dirigirnos. En suma, tal situación es un mérito que se gana. Puede ser que otros la consideren como una presa que se arrebatá, pero yo no estoy hecho así, y reconozco que me acerco con cuidadosas reservas a negocio tan importante y, para decirlo todo, tan sagrado. (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. VIII, p. 431).

Sem dúvida, o tempo que suas obrigações como diplomata lhe demandavam era um rival à dedicação que Alfonso Reyes considerava necessária para se aprofundar no estudo da literatura brasileira.

Com relação a MONTERREY, o fato de não constar muitas referências à literatura brasileira em nada

comprometeu a troca de informações que estava sendo estabelecida, principalmente entre hispano-americanos e brasileiros.

O pouco contato entre eles, como já dissera Prudente de Moraes Neto em carta ao mexicano, era um entrave a ser vencido. Reyes, cujo pensamento se baseava na intercomunicação dos países latino-americanos, tentou intensamente estabelecer pontes por meio das quais não só os hispano-americanos se aproximariam, mas também os brasileiros seriam incorporados a esse diálogo.

Em sua conferência intitulada *Posición de América*, apresentada no III Congresso do Instituto Internacional de Literatura Ibero-americana de Nova Orleans, em 1942, Reyes destaca múltiplos aspectos que conectam esses países, estabelecendo a “*homogeneidad americana*”:

El análisis del proceso histórico durante el siglo XIX y los comienzos del XX nos permitiría todavía establecer cierta paridad de etapas que revelan en diverso grado la homogeneidad americana: simultaneidad de los movimientos de emancipación, indecisión inicial idéntica respecto a la forma de gobierno con adopción general de la república, influencia intelectual de orígenes semejantes, marea de las charreteras paralela, otra vez la marea intelectual en la era de los abogados, era económica y técnica mezclada de positivismo y sansionismo, recientes crisis revolucionarias con derrocamiento de dictaduras, resurrección de interés para el autoctonismo, etc. (ALFONSO REYES digital, 2002, vol. XI, p. 267).

Entretanto, reconhece que, embora os países ibero-americanos compartilhem o mesmo processo histórico, fator que potencializa a concomitância de aspectos homogêneos, não se pode ignorar as dessemelhanças existentes. Tais diferenças, porém, não devem ter seu

valor dimensionado, visto serem oriundas, em sua maioria, dos conceitos de raça, que, segundo Reyes, não têm comprovação científica nem conexão com a dignidade ou a inteligência humana, sendo uniformes desde que estejam nas mesmas condições:

En cuanto a las diferencias o heterogeneidades americanas, se reducen a los conceptos de raza y lengua. De la raza dijimos ya lo bastante y casi da enojo insistir. Para América no hay más raza que la raza humana. [...] El carácter de las sociedades resulta de la convivencia geográfica, la vinculación económica y la comunidad cultural, más que de razas y aun de lenguas. Sociedades dominadas por un grupo de raza extranjera y convertidas a su fe acaban por adoptar la indumentaria, la mímica y hasta la apariencia física de este grupo. [...] Es innegable que las diferencias de lenguas establecen hiatos; [...] Entre las lenguas latinas del continente, el portugués es una telaraña permeable para el español, aunque haya contribuido a sostener la unidad moral del noble pueblo brasileño. [...] No nos parece que se pueda hablar seriamente de abismos infranqueables para los fines sintéticos de la cultura. [...] Por todos los argumentos llegamos, pues, a una conclusión positiva. La toma de posición de América ante la cultura tiene el camino libre. (ibid., p. 268-9).

Esse caminho, trilhado pelas páginas de MONTERREY, nas quais a multiplicidade cultural foi peça importante na construção da identidade latino-americana, também é percorrido por ilustres estudiosos, como Antonio Candido, Ángel Rama e Ana Pizarro.

Por meio do pensamento de Alfonso Reyes, é possível perceber a necessidade de entendimento no tocante ao movimento articulatório de nossas culturas, seja este realizado pelos indivíduos ou pela sociedade. O olhar mútuo entre elas permitirá, por conseguinte, a produção

desse conhecimento. MONTERREY, *correo literario de Alfonso Reyes*, trouxe uma das primeiras contribuições para que o desconhecimento entre a América Hispânica e o Brasil não seja mais um lugar comum.

## APÊNDICES

### 1. Divisão das seções por exemplar:

SEÇÕES	<i>Aso de América</i>	<i>Boletín Gongorino</i>	<i>Cuadernos de apuntes</i>	<i>Epistolario</i>	<i>Estafeta</i>	<i>Goethe y América</i>	<i>Guardias de la pluma</i>	<i>Investigaciones</i>	<i>Jitanjiforas</i>	<i>Miscelánea</i>	<i>Museo</i>	<i>Noticia Mexicana</i>	<i>Los ojos de Europa</i>	<i>Publicaciones recibidas</i>	<i>Rayos de lápiz</i>	<i>Vida literaria</i>	<i>Virgilio y América</i>
1							Brasil							Brasil			
2							Brasil	Brasil						Brasil			
2		- X -					Brasil	Brasil			- X -			Brasil			
3							Brasil			Brasil				Brasil			
4														Brasil			
5					Brasil			Brasil					Brasil	Brasil			
6														Brasil			
7	Brasil						Brasil							Brasil			
8				Brasil										Brasil			
9						Brasil								Brasil			
10														Brasil			Brasil
11														Brasil			
12														Brasil			
13			Brasil		Brasil			Brasil						Brasil			
14														Brasil			

2. Divisão por exemplar dos artigos desvinculados de seção:

1	Tres poemas con un intermedio (poema) – Luto – Datos sobre el teatro en la América Latina
2	Boletín Alarconiano – Enrique González Martínez – Datos sobre el teatro en la América Latina
2	La imprenta medieval – Enrique González Martínez – <b>Datos sobre el teatro de América Latina</b>
3	Bibliografía de Rodó – Colección de monografías bibliográficas mexicanas – Resurrección (poema) – Historia (poema) – Algunos datos complementares sobre el teatro de México durante los últimos años
4	Aclaraciones sobre el teatro en México
5	<b>“Cobardía” de Amado Nervo contra os tradutores brasileiros – Sobre la tumba de Graça Aranha – Tarjeta postal</b>
6	El “Cementerio Marino” en español
7	<b>Paul Morand en Río</b>
8	-----
9	-----
10	Tiko – André Gide en América – Para el estudio de Amado Nervo – Nota final
11	Para una sociedad de amigos de Rubén Darío – Aviso
12	-----
13	Cambio de ciudad – Ecos del bimilenario
14	Vermeer y la novela de Proust – <b>Americanería andante</b>

Obs.: Os artigos em negrito referem-se, direta ou indiretamente, ao Brasil.

## ANEXOS

### 1. *Carta-romance* ao poeta Carlos Pellicer

*29 de junio.*

Hoy entretenido con los juegos de a bordo. Anoche envié esta carta-romance a Carlitos Pellicer:

Carlos querido: soy yo.  
Recibí su carta en México,  
y no quise contestarle  
hasta no ver Río de Janeiro.  
La bahía, el Pan de Azúcar,  
todo me trajo recuerdos  
de sus viajes, de sus gustos,  
de sus charlas, de sus versos.  
No necesito decirle  
(como yo todo lo tuerzo)  
que, aunque Brasil es de lumbre  
y quiere decir “brasero”,  
todo lo encontré brumoso  
y tiritando de invierno;  
pero, con todo, magnífico,  
grande, olímpico, soberbio.  
(¡Si no fuera por la Historia  
que es nuestro interior veneno  
sombra de la Geografía  
a su enemigo directo!  
No nos basta ya el paisaje:  
lo queremos con recuerdos.  
Al fin somos mexicanos:

—o ruinas o monumentos).  
Copacabana, suspiro  
del pecho del Padre Eterno.  
Gávea, monte con montera.  
Y el Corcovado, de lejos.  
De noche, el Collar de Perlas,  
y Botafogo echa fuego.  
Aquí el maguey es un árbol,  
con follaje, y tronco y leño.  
Como cuando el Diplodocus”,  
son árboles los helechos.  
Sopa de ardillas, chuletas  
de aguté o de flamenco;  
diamantes en las braguetas  
y topacios en los senos.  
Y yo en el barco otra vez,  
la proa a Montevideo  
—y el abrazo que le mando,  
“en las alas del deseo”.  
[...]

REYES, 1969, p. 199-200.

2. Alfonso Reyes no convés do navio Giulio Cesare, 1930



REYES, 2001, s/p.

### 3. Telegrama de Alfonso Reyes a Candido Portinari

El Colegio de México  
P. O. Box 65  
Estr. 15-65-64 Mex. L-67-61

México, D.F. a 20 de enero de 1942.

CO-50:8

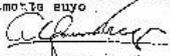
Sr. Cándido Portinari  
The Hispanic Room  
Library of Congress  
Washington, D.C. E.U.A.

El Excmo.

Querido amigo Cándido:

Hemos seguido siempre sus triunfos con el mayor entusiasmo, felicitándonos de haber reconocido un gran pintor años antes de que el mundo lo descubriera.

Mucho éxito. El recuerdo cariñoso de los míos para María y para usted. Siempre cordialmente suyo

  
Alfonso Reyes.

PROJETO PORTINARI. <<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/pessoasCompl.asp?notacao=5364&ind=176&NomeRS=rsPessoas&Modo=C#>>.

#### 4. Homenagem a Candido Portinari



Grupo reunido no banquete em homenagem a Portinari, pelo sucesso de sua exposição no Palace Hotel. Entre eles: Alfonso Reyes, Silvia Meyer, Celso Antônio, Hugo Adami, Guignard, Lelio Landucci, Antonio Bento, Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Dante Milano, José Jobim, Alcântara Machado. Rio de Janeiro, RJ, [7 ago. 1934]. Foto: O Cruzeiro.

Alfonso Reyes presidiu o jantar.

PROJETO PORTINARI. <<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/pessoasCompl.asp?notacao=5364&ind=176&NomeRS=rsPessoas&Modo=C#>>.

## 5. Poema de Manuel Bandeira em homenagem a Alfonso Reyes

### Rondó dos Cavalinhos

Os cavalinhos correndo,  
e nós, cavalões, comendo...  
Tua beleza, Esmeralda,  
acabou-me enlouquecendo.

Os cavalinhos correndo,  
e nós, cavalões, comendo...  
O sol tão claro lá fora,  
e em minh'alma — anoitecendo...

Os cavalinhos correndo,  
e nós, cavalões, comendo...  
Alfonso Reyes partindo,  
e tanta gente ficando.

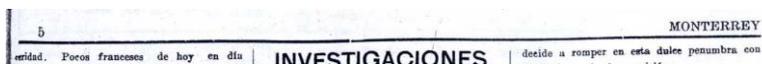
Os cavalinhos correndo,  
e nós, cavalões, comendo...  
A Itália falando grosso,  
a Europa se avacalhando...

Os cavalinhos correndo,  
e nós, cavalões, comendo...  
O Brasil politicando,  
Nossa! A poesia morrendo...  
O sol tão claro lá fora,  
o sol tão claro, Esmeralda,  
e em minh'alma... anoitecendo!

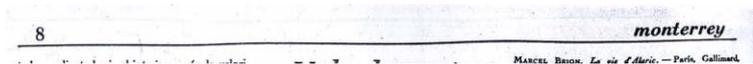
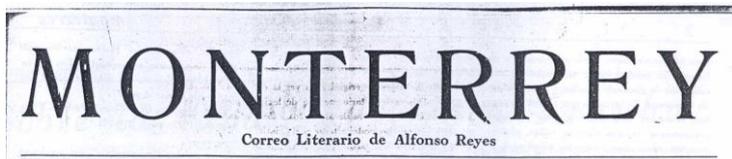
REYES, 2001, p. 204-205.

Escrito durante o almoço de despedida a Alfonso Reyes,  
no Jóquei-Clube do Rio de Janeiro.

## 6. Alteração tipográfica de MONTERREY a partir da mudança de gráfica



Logo de MONTERREY, do 1.º ao 3.º número.



Logo de MONTERREY, do 4.º ao 14.º número.

REYES, 1980, p. 109, 113, 142, 143.

7. Timbre de MONTERREY ilustrado por Alfonso Reyes



REYES, 1980, p. 142.

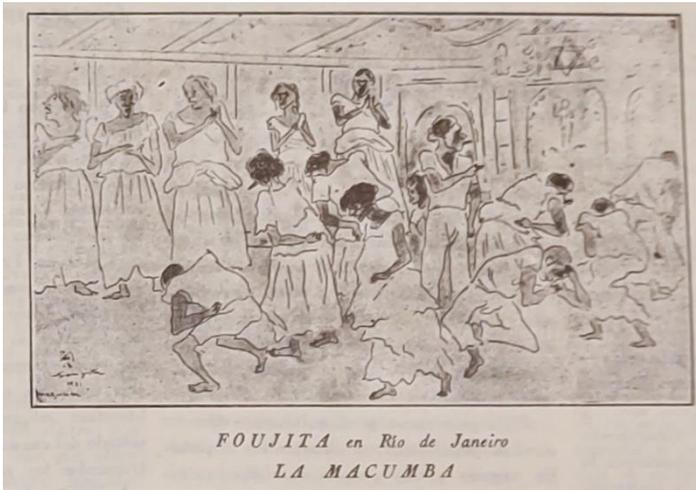
## 8. *Tennis*, de Rego Monteiro



Óleo sobre tela, 100 x 81 cm, 1928. Acervo Artístico Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo – Coleção Palácio Boa Vista – Campos do Jordão.

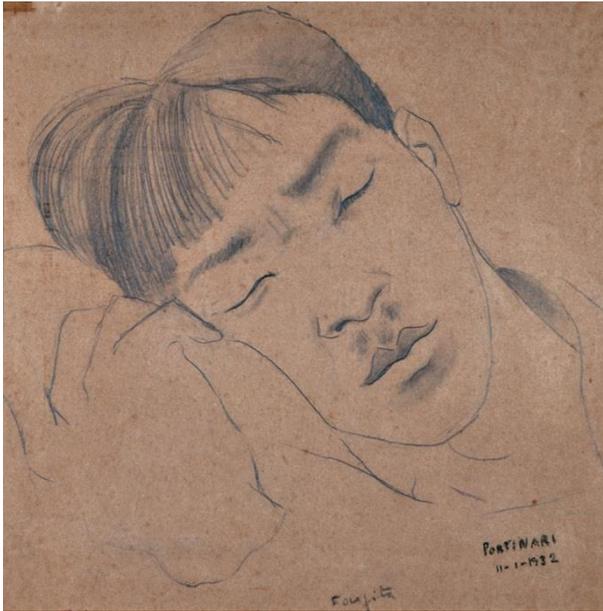
ESPAÇO CULTURAL CPFL. <[http://www.cpfl.com.br/cultura/projeto\\_decada/projeto\\_obras.asp?menu=crono](http://www.cpfl.com.br/cultura/projeto_decada/projeto_obras.asp?menu=crono)>.

9. *La macumba*, Tsugouharu Foujita



REYES, 1980, p. 167.

## 10. Lembranças da passagem de Foujita pelo Rio de Janeiro



Desenho a grafite/papel, 29.5 x 29.5cm (aproximadas), Rio de Janeiro, RJ. Assinado e datado no canto inferior direito: "PORTINARI 11-1-1932". Inscrição na margem inferior à direita "Foujita". Coleção particular, Rio de Janeiro, RJ.

PROJETO PORTINARI. <<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/pessoasCompl.asp?notacao=2386&ind=130&NomeRS=rsPessoas&Modo=C#>>.



Caricatura de Manuel Bandeira; desenho em tinta/papel. Assinado e datado no canto inferior direito: “Foujita 1932”. Inscrição: “à Grand Bandeira que a même âge que moi”.

GRIECO, Afredo. *Arrivons dimanche* (Foujita no Rio de Janeiro). <[http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu\\_n4\\_Grieco.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n4_Grieco.pdf)>.

## 11. Escudo do México e escultura de Petrópolis



Águia real devorando uma serpente sobre um nopal no centro de um lago.

*Wikipedia – La enciclopedia libre.* <[http://es.wikipedia.org/wiki/Escudo\\_Nacional\\_de\\_M%C3%A9xico](http://es.wikipedia.org/wiki/Escudo_Nacional_de_M%C3%A9xico)>.



Escultura no centro do lago localizado no jardim da Câmara Municipal de Petrópolis.

CÂMARA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS. <<http://www.cmp.rj.gov.br/historia.htm>>.

## 12. O jardim mexicano e a estátua de Xochipilli, no Jardim Botânico



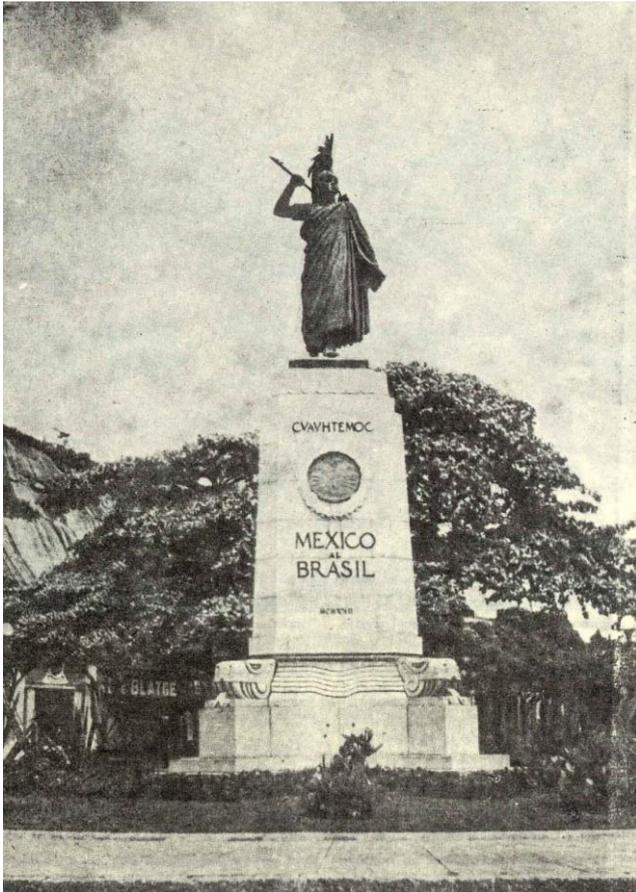
ELLISON, 2002, s/p

Doação da estátua de Xochipilli ao Jardim Botânico, em 1935.



JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. <<http://www.jbrj.gov.br/ebendinger/mapa.htm#>>.

**13. Estátua de Cuauhtémoc, na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro**



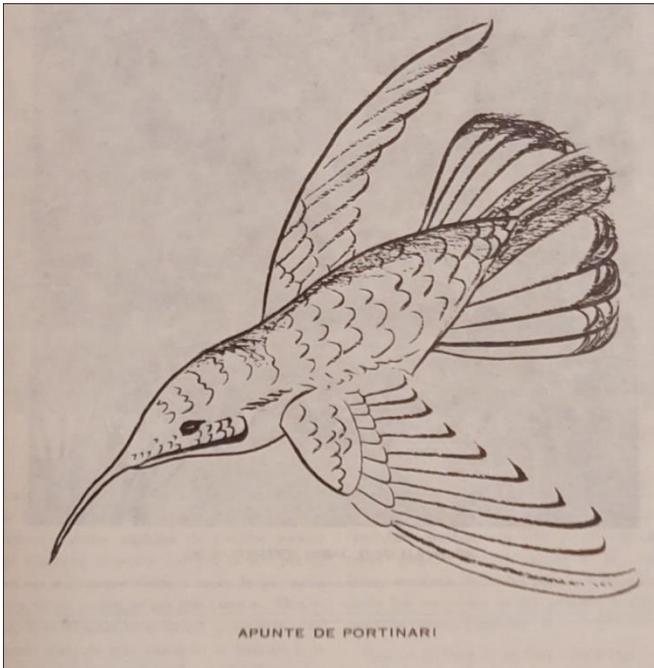
REYES, 1980, p. 219.



Foto: Cecilia Laura Alonso – 15 mar. 2006.

O jardim de cactos, plantado ao redor da estátua por Alfonso Reyes e pelo então diretor do jardim Botânico Campos Porto, já não existe mais. Cuauhtémoc agora tem como pano de fundo um imenso muro formado pelas fachadas dos edifícios.

14. Ilustração de Candido Portinari, em MONTERREY



REYES, 1980, p. 222.



## REFERÊNCIAS

ALFONSO REYES digital: obras completas y dos epistolarios. In: Bibliotecas Virtuales FHL (Biblioteca Virtual Andrés Bello de Polígrafos Hispanoamericanos, nº. 2, direção Xavier Agenjo Bullón). Madri: FHL/FMT; México: FCE, 2002. Cd-rom.

ACEVEDO ESCOBEDO, Antonio et al. *Presencia de Alfonso Reyes: homenaje en el X aniversario de su muerte (1959-1969)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.

AGUIAR, Flavio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (orgs.). *Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.

AGUILAR CARMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

ANDRADE, Manuel Correia de. *O Brasil e a América Latina*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

ANTELO, Raul (org.). *Antonio Candido e os estudos literários latino-americanos*. Série Críticas. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Ibero-americana, 2001.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética – Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BARILLI, Amélia. *Jorge Luis Borges y Alfonso Reyes: la cuestión de la identidad del escritor latinoamericano*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂMARA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS. Disponível em: <<http://www.cmp.rj.gov.br/historia.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2005.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

\_\_\_\_\_; BEHAR, Lisa Block de. *Elogio da lucidez: a comparação literária em âmbito universal*. Porto Alegre: Evangraf, 2004.

CRESPO, Regina Aída. *Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938)*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16525.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2005.

CYMERMAN, Claude; FELL, Claude (coord.). *Historia de la literatura hispanoamericana: desde 1940 hasta la actualidad*. Buenos Aires: Edicial, 2001.

ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil: um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Topbooks/Consulado General de México, 2002.

ENRÍQUEZ PEREA, Alberto. *Alfonso Reyes y el nacimiento del Estado Nuevo brasileño (1930-1936)*. Madri, 2004. 2 v. Tese (Doutorado) – Universidad Complutense de Madrid.

ENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *La utopia de América*. La Plata: Ediciones de Estudantina, 1925.

\_\_\_\_\_. In: ABELLÁN, José Luis; BARRENECHEA, Ana María (coords.). *Ensayos/Pedro Henríquez Ureña: edición crítica*. Madri: ALLCA XX, 1998.

ESPAÇO CULTURAL CPFL. Disponível em: <[http://www.cpfl.com.br/cultura/projeto\\_decada/projeto\\_obras.asp?menu=crono](http://www.cpfl.com.br/cultura/projeto_decada/projeto_obras.asp?menu=crono)>. Acesso em: 13 dez. 2005.

FERNÁNDEZ MORENO, César (coord.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires, Paidós, 2002.

GRIECO, Alfredo. *Arrivons dimanche* (Foujita no Rio de Janeiro) <[http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu\\_n4\\_Grieco.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n4_Grieco.pdf)>. Acesso em: 13 dez 2005.

HELENA, Lucia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

HOLANDA, Heloísa Buarque. Professando as letras: identidade em construção. *Organon*: revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

Porto Alegre: UFRGS, v. 17, edição especial, p. 135-141, dez. 2003.

HOUVENAGBEL, Eugenia. *Alfonso Reyes y la historia de América*. México: Fondo de Cultura Econômica, 2003.

JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. <<http://www.jbrj.gov.br/ebendinger/mapa.htm#>>. Acesso em: 29 jan. 2006.

JOZEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia Helena (orgs.). *Valores: arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ABRALIC, 2002.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes sublaternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MORAÑA, Mabel (org.). *Angel Rama e os estudos literários latino-americanos*. Série Críticas. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Ibero-americana, 1997.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença*. Belos Horizonte: Editora UFMG, 2001.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

PEDROSA, Célia. *Antonio Candido: A palavra empenhada*. São Paulo: Edusp; Niterói: Eduff, 1994.

*Pernambuco de A/Z*. Disponível em: <[http://www.pe-az.com.br/educacao/ascenso\\_ferreira.htm](http://www.pe-az.com.br/educacao/ascenso_ferreira.htm)>. Acesso em: 13 dez. 2005.

PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1993-5, 3 v.

\_\_\_\_\_. *El sur y los trópicos*. Murcia: Universidad de Alicante, 2004.

\_\_\_\_\_. (org.). *Hacia una historia de la literatura latinoamericana*. México: Colegio de México Ed., 1987.

\_\_\_\_\_. (org.). *La literatura Latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

PROJETO PORTINARI. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br>>. Acesso em: 13 dez. 2005.

RAMA, Ángel. *Transculturación en América Latina*. México: Siglo XXI, 1981.

*Relações México-Brasil*. Disponível em: <[http://www.mexico.org.br/relacoes\\_b\\_m/2a1.htm](http://www.mexico.org.br/relacoes_b_m/2a1.htm)>. Acesso em: 13 dez. 2005.

REIS, Livia de Freitas. Pontos para um estudo do diálogo intelectual: Brasil – América Hispânica. In: PARAQUETT, Márcia; TROUCHE, André (orgs.). *Formas & Linguagens: tecendo o hispanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: CCLS Publishing House, 2004. p. 129-140.

\_\_\_\_\_; TROUCHE, André Luiz (orgs.). *Hispanismo 2000*. Niterói: ABH/Ministério de Educación, cultura y deporte, 2001.

REYES, Alfonso (org.). *Monterrey: correo literario de Alfonso Reyes*. In: *Revistas Literarias Mexicanas Modernas: Antena, Monterrey, Examen, Número*. México: Fondo de Cultura Económica, 1980.

REYES, Alfonso. *Diario, 1911-1930*. México: Editorial de la Universidad de Guanajuato, 1969.

REYES, Alicia. *Genio y figura de Alfonso Reyes*. 4. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

ROBB, James Willis. *El estilo de Alfonso Reyes: imagen y estructura*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

ROBLEDO RINCÓN, Eduardo (coord.). *Alfonso Reyes en Argentina*. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Edusp, 1995.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

STANTON, Anthony (ed.). *Correspondencia Alfonso Reyes/Octavio Paz (1939-1959)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos princípios manifestos vanguardistas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

VALDÉS, Mario J. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

Wikipedia – *La enciclopedia libre*. Disponível em: <[http://es.wikipedia.org/wiki/Escudo\\_Nacional\\_de\\_MCAxico](http://es.wikipedia.org/wiki/Escudo_Nacional_de_MCAxico)>.

Acesso em: 13 dez. 2005.

ZOKNER, Cecília. *Para uma crítica latino-americana*. Curitiba: Scientia et Labor, 1990.

**Alfonso Reyes, ilustre humanista mexicano do século XX, ocupou o cargo de Embaixador do México no Brasil durante sete anos da década de 30. Inseriu-se ativamente na vida cultural brasileira e tornou-se amigo de políticos, escritores e artistas de renome. Embora tivesse que se dividir entre seus deveres de diplomata e seus anseios de escritor, foi um dos intelectuais hispano-americanos que mais escreveram sobre o país. No Rio de Janeiro, publicou MONTERREY, *Correo Literario de Alfonso Reyes*, pelo qual se comunicava com intelectuais brasileiros e estrangeiros. Ao mostrar o Brasil por meio de sua cultura, sua natureza e seu povo, Alfonso Reyes incentivou o diálogo entre este e a América Hispânica.**

